



Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

UC/EPCE-2016

**Problemas de Comportamento no Período Pré-Escolar:  
As Birras**

Soraia Daniela de Sousa Mourato (e-mail: [soraiasmourato@gmail.com](mailto:soraiasmourato@gmail.com))

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento  
e Aconselhamento sob a orientação da Professora Doutora Cristina  
Petrucci Albuquerque

## **Problemas de comportamento no período pré-escolar: As Birras**

**Resumo:** As birras são cada vez mais um problema que preocupa a maioria das famílias. Surgem nos primeiros anos de vida e são consequência da falta de autorregulação e tolerância à frustração que a criança apresenta. Para que não venham a tornar-se graves problemas de comportamento, os pais têm de adotar estratégias parentais adequadas promovendo deste modo comportamentos apropriados. O presente estudo tem como objetivo conhecer a frequência com que ocorrem as birras, as manifestações das crianças no decurso de uma birra, as estratégias parentais utilizadas face às birras e os motivos pelos quais as crianças fazem birras. Pretende-se ainda conhecer a relação destes objetivos com a idade e o género da criança e o tipo de família. A amostra é composta por 90 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, sendo que cada faixa etária contempla 30 crianças. Foi utilizado o Questionário das Birras para a recolha da informação necessária ao estudo, que foi administrado aos pais das crianças.

Concluiu-se que existe uma associação entre as manifestações de raiva e as estratégias punitivas. Foram encontradas diferenças significativas entre o género da criança e as manifestações de isolamento, as estratégias não punitivas e os motivos por rotinas; e entre a idade da criança e as manifestações de angústia, especificamente entre os 3 e os 5 anos, e nos motivos emocionais.

**Palavras-chave:** problemas de comportamento, pré-escolar, birras, manifestações, estratégias parentais, motivos.

### **Behavior problems in preschool period: Tantrums**

**Abstract:** Tantrums are increasingly an issue that worries most families. Arise in the early years of life and are a consequence of the lack of self-regulation and tolerance to frustration that the child has. So that will not become serious behavior problems, parents have to adopt appropriate parental strategy promoting adequate behaviour. The present study aims to meet the frequency the tantrums, the manifestations of children during a tantrum, parental strategies used against the tantrums and the reasons why children do tantrums. Another objective is to know the relationship of these objectives with age and the child's gender and family type. The sample comprised 90 children aged 3 to 5 years, with each age group comprises 30 children. The Questionnaire of Tantra was used to collect the information required for the study, which was administered to parents of children.

It was concluded that there is an association between the manifestations of anger and punitive strategies. Significant differences were found between the gender of the child and the manifestations of isolation, not punitive strategies and the reasons for routines; between the child's age and distress manifestations, specifically between 3 and 5 years, and emotional reasons.

**Key Words:** behavior problems, preschool, tantrums, manifestations, parenting strategies, reasons.

## **Agradecimentos**

Começo por um sincero agradecimento à Professora Doutora Cristina Petrucci Albuquerque, minha orientadora, por toda a ajuda e colaboração, assim como pela sua paciência e disponibilidade durante todo o percurso.

Agradeço aos diretores e professores do Colégio de Santa Maria da APPACDM (Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental) de Coimbra, do Agrupamento de Escolas Verde Horizonte de Mação e do Agrupamento de Escolas de Sardoal, pela importante contribuição, e pela oportunidade de recolher os dados para esta investigação, nos seus estabelecimentos.

A todos os pais que participaram nesta investigação agradeço a disponibilidade e contribuição.

À minha família, em especial aos meus pais, agradeço tudo, a paciência, a compreensão, o carinho e a força demonstrada ao longo de todo este percurso académico, principalmente nesta última fase.

E por fim, aos meus amigos, aos de Coimbra e aos de Sardoal, pela paciência, pelo carinho e por toda a força, apoio e incentivo nos momentos mais difíceis. Ao Girino, por ser sempre e desde sempre o meu porto seguro. Ao Miky, por sempre acreditar em mim, mesmo quando eu já não acreditava. Ao meu primo Rafael, com quem sempre foi fácil rir, em todos os momentos. À Mima, à Marta e à Patrícia que me ajudaram a ser quem sou e me proporcionaram dos melhores momentos vividos neste percurso académico. À Marlene, ao Fred, à Luna, ao QQ e ao Mário pela ajuda, companheirismo e amizade. E aos restantes Reis e Princesas que Coimbra me trouxe e aos quais chamo agora de Amigos.

## Índice

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>I. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL</b> .....	<b>3</b>
1. Birras e processo de desenvolvimento .....	3
2. Intensidade e Frequência das Birras .....	6
3. Reações das crianças no decurso das birras .....	8
4. Reações dos pais face a uma birra .....	10
5. Desencadeantes das birras .....	12
<b>II. OBJETIVOS</b> .....	<b>14</b>
<b>III. METODOLOGIA</b> .....	<b>15</b>
1. Amostra .....	15
Seleção da amostra .....	15
Caraterização da amostra .....	16
2. Instrumentos .....	19
3. Procedimentos .....	22
4. Análise Estatística .....	22
<b>IV. RESULTADOS</b> .....	<b>23</b>
<b>V. DISCUSSÃO</b> .....	<b>42</b>
<b>VI. CONCLUSÕES</b> .....	<b>47</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>48</b>

## Introdução

Ser pai, é educar e educar é ter tempo, é ter preocupação pelo outro, é saber partilhar e tirar partido das interações, é também querer e ter desgostos, é chorar, mas acima de tudo, faz parte da vida. E se faz parte da vida, começa desde cedo, desde o nascimento que se educa, que se partilham e transmitem momentos, e aprendizagens. Quando esta partilha não começa da melhor forma, quando surgem as complicações, quando aparece o profundo desgosto, educar pode tornar-se insuportável. Por isso é que os estilos educativos adotados e as regras que o regem têm de se estabelecer desde o primeiro momento de vida da criança (Urta, 2007).

Diariamente os pais vêm-se confrontados com as mais variadíssimas situações no que diz respeito à educação dos filhos. Situações essas que criam muitas dúvidas, até mais do que certezas. A maior parte dessas situações são próprias do desenvolvimento da criança, contudo, é difícil ensaiar respostas para cada momento (Ramalho, 2006).

E de repente, choram, gritam, berram, mordem, dão pontapés, batem com os pés no chão, atiram com os pratos, os brinquedos, esperneiam, e... Eila, a birra. Mas calma, o essencial é não perder o controlo (Cordeiro, 2011, Koch, 2003). Por norma, as birras são causadas por algo que frustra ou entristece a criança (Mireault et al., 2008) que, com o choro, os gritos, procura que a situação se resolva e que ela seja a beneficiada, chamando assim toda a atenção para si, não controlando a raiva e a frustração (Urta, 2007).

É normal que a criança faça birras, ela está a explorar o mundo e a descobrir os seus limites. E acima de tudo não possui, ainda, mecanismos para lidar com a frustração e por ter, ainda, algumas limitações na linguagem verbal (Gouveia, 2009; Mireault & Trahan, 2007). É aqui que a intervenção dos pais se torna de extrema relevância. É necessário ensinar à criança as regras sociais, a capacidade de negociação, a resolução de problemas, a tolerância à frustração, e a autorregulação, proporcionando sentimentos de segurança e confiança necessários à adaptação e exigências do meio em que se insere (Ramalho, 2006). Entender as birras desde a primeira infância é importante, porque nelas está concentrado todo o comportamento e temperamento da criança, evidenciando as suas diferenças individuais. E não entendê-las nesta idade, pode levar a repercussões no futuro (Giesbretcht et al., 2010).

Há que ensiná-la ter controlo sobre si própria, a dominar a fúria e a controlar e limitar as manifestações. Evitar a birra é o objetivo, já que causa desconforto para ambas as partes (Urta, 2007). A ausência de promoção destas competências pelos pais, pode contribuir para o surgimento e manutenção de problemas de comportamento (Ramalho, 2006). Quando se estabelece limites deve-se ter em conta o bem-estar da criança, assim como a sua segurança. É importante dar a conhecer à criança as normas e as consequências do seu incumprimento. Estas terão que ser claras, compreensíveis, fundamentadas e, além disso, terão de ser aplicadas de forma justa (Urta, 2007).

É um período importante para testar a paciência dos pais, porque apesar de as birras serem consideradas normais, essencialmente na idade pré-escolar,

elas podem tornar-se grandes preocupações no futuro, levando a graves problemas de comportamento (Wakschlag et al., 2012)

Os problemas de comportamento surgem quando existem faltas de respeito, agressões físicas e verbais, não obediência, e desafio constante aos pais. Mas claro que, estes comportamentos só devem ser considerados graves quando realizados muitas vezes pela criança e durante muito tempo (Gouveia, 2009; Potegal & Davidson, 2003).

Um dos principais efeitos que os problemas de comportamento provocam na relação entre os pais e a criança é a tensão. Não tendo a capacidade de autorregulação, exigem muito controlo e portanto torna-se cansativo para os pais fazer este papel, que ainda assim, é fundamental. Mas nem sempre é possível, nem todos os pais conseguem manter-se centrados sempre na criança e no que esta tem de bom (apesar da má conduta do momento). Quando se centram nos aspetos negativos, não conseguem controlar a ira e a crítica dirigida à criança. O que com o passar dos tempos, como será de prever, vai desgastar a relação de partilha e transmissão saudável, que anteriormente se queria manter (Ramalho, 2006). Estes problemas de comportamento afetam a dinâmica familiar e levam, muitas vezes, a pedir ajuda, para evitar sérios problemas no futuro, para melhorar a relação entre pais e filhos e essencialmente, pedir ajuda para as estratégias parentais mais adequadas a cada situação (Queirós et al., 2003).

Com este estudo pretende-se conhecer a frequência com que as crianças, com idades compreendidas entre os três e os cinco anos, fazem birras; quais as manifestações mais frequentemente tidas pelas crianças no decurso de uma birra; quais as estratégias parentais utilizadas face a uma birra; e quais os motivos pelos quais as crianças mais fazem birras. Não obstante, também se pretende conhecer a relação destes com as seguintes variáveis: a idade da criança; género da criança; e tipo de família. Assim como a relação que existe entre as manifestações das birras e as estratégias dos pais.

A escolha da faixa etária, entre os três e os cinco anos, deve-se ao facto de estas serem as faixas etárias onde há uma maior ocorrência de birras, dado que a linguagem verbal ainda não está totalmente estruturada, nem a tolerância à frustração está totalmente trabalhada. Os dados serão recolhidos através de informações dadas pelos pais, e tal escolha prende-se com a forte ligação que estes mantêm com as crianças, estabelecida desde o primeiro dia de vida da criança. São, assim sendo, considerados a melhor fonte de informação.

O presente estudo começa por um Enquadramento Conceptual, onde se abordará a questão nas birras no processo de desenvolvimento, as manifestações das crianças no decurso da birra, as estratégias dos pais para lidar com estas e os motivos pelos quais fazem birras. De seguida, serão apresentados os Objetivos e a Metodologia do estudo, onde se apresenta a Amostra, os Instrumentos, o Procedimento e a Análise Estatística.

Depois apresentam-se os Resultados, que irão clarificar cada um dos objetivos e clarificar a relação existente entre eles, e a Discussão, onde se relacionam os resultados com as investigações empíricas. Por último a Conclusão, que define as limitações do estudo e a importância deste para investigações futuras.

## I – Enquadramento conceptual

### 1. Birras e processo de desenvolvimento

A infância é o período do desenvolvimento do ser humano em que ocorrem as mudanças mais rápidas e mais importantes, portanto é normal que a criança tenha as suas birras, são uma parte do desenvolvimento, uma parte em que esta está a explorar o mundo, a descobrir os seus limites (Cordeiro, 2011; Goode, 2007; Gouveia, 2009; Mireault & Trahan, 2007; Ramalho, 2006). É a fase em que a criança está a adquirir autonomia e a tentar dominar o meio ambiente (Gouveia, 2009; Mireault & Trahan, 2007). No fundo, uma fase de estruturação da criança, não só enquanto pessoa, mas também enquanto cidadão, uma parte que ocorre em paralelo com o processo educativo, que se estende aos contextos sociais e familiares (Cordeiro, 2011).

Cordeiro (2011, p.20) escreveu uma frase muito interessante acerca da génese das birras: ‘‘As birras não são, pois, uma fatalidade do destino, mas sim uma resposta biológica e psicológica associada ao medo e às angústias e negações existenciais’’. E por isso mesmo é um fenómeno bastante interessante para se estudar e aprofundar (Green, Whitney & Potegal, 2011; Solter, 1990).

As birras são habituais, são a expressão das crianças à descoberta dos seus limites. Só progressivamente as crianças aprendem a regular o seu comportamento, a saber o que lhe antecede e o que o influencia, as consequências que podem advir deste e os processos cognitivos necessários para regular o comportamento futuro (Koch, 2003; Queirós, Goldschmidt, Almeida & Gonçalves., 2003; Ramalho 2006).

Uma birra é a expressão de uma multiplicidade de sentimentos pelo que, para a entender, há que compreender a sua relação com esses mesmos sentimentos, como o medo, a ansiedade, a frustração de não poder ter tudo, a raiva, a tristeza (Cordeiro, 2011).

As birras, os medos e a ansiedade vão, mais tarde, ser vencidos pela maturidade e pelo crescimento (Cordeiro, 2011). Pois, à medida que as crianças crescem vão tendo uma melhor apreensão e compreensão das regras sociais, da dicotomia do ‘‘eu’’ e do ‘‘outro’’, do papel de cada um entre os demais e a sociedade em geral, vão pôr de parte a onnipotência, vão ganhando tolerância à frustração (Cordeiro, 2011).

A criança é tão frágil que Cordeiro (2011) encara, em muitos casos, as birras como pedidos de ajuda. Como se estas crianças que estão a passar por esta multiplicidade de emoções não quisessem comportar-se desta ou de outra maneira, mas que se comportam assim por ser a única forma que conseguem expressar.

É de ressaltar que existe um temperamento individual, o que pressupõe que nem todas as crianças reagem da mesma maneira às mesmas situações, não evoluem da mesma maneira, nem adquirem competências ao mesmo ritmo (Cordeiro, 2011; Koch, 2003).

Em anos anteriores, os estudos sobre a agressão feitos por Bambauer e Connor (2005, *cit in* Potegal et al, 2009) verificaram que 48% dos pais



relataram que a emoção predominante nas birras dos seus filhos era a raiva. A raiva experienciada pelas crianças pode ser medida designadamente em três níveis, nível baixo, intermédio e alto.

Potegal, Kosorok e Davidson (2003), Potegal e Davidson (2003) e Potegal et al. (2009) entendem como episódios de birras todos aqueles que envolvam uma forte expressão das emoções, que ao longo do tempo nos podem dizer algo acerca da trajetória e organização das emoções na criança. As principais emoções experienciadas são a raiva e a tristeza/angústia. Razão pela qual surge o Modelo Raiva-Angústia, que reflete três níveis de intensidade, alto, médio e baixo.

Giesbrecht, Miller e Muller (2010) validaram o Modelo Raiva-Angústia e relacionaram-no com a competência emocional das crianças, com uma amostra de 125 crianças, entre os 3 e os 5 anos, onde 61% (N = 77) era do género masculino, e constataram que existe uma forte correlação entre as birras e a competência emocional, mas não quer especificamente dizer que a raiva se faça sentir apenas em situações de raiva e elevado stress, também pode haver raiva em situações de tristeza e frustração, ao invés de haver apenas angústia. Assim como o vice-versa se confirma, em situações de raiva e stress elevado, também pode haver elevados níveis de angústia e frustração. As conclusões foram retiradas de um questionário respondido pelos pais, que tinham, como média de escolaridade o ensino universitário.

Green et al. (2011) no seu estudo com 13 crianças com 2 e 3 anos de idade, descrevem o chorar, choramingar, berrar, gritar como os comportamentos mais comuns adotados pelas crianças durante as birras. E são diferenciadas pela emoção que lhes está inerente, ou raiva ou angústia. Na raiva é libertada mais energia, é exigido mais esforço, as vocalizações são mais extensas. Na angústia é gasta menos energia, logo menos esforço e as vocalizações são curtas, algumas nem chegam a ser perceptíveis

As birras, são episódios emocionais, são breves mas intensos, caracterizados por serem explosivos, impulsivos e fora do controlo da emoção. São as externalizações das emoções que para além de bastante intensas, são, na sua maioria, desorganizadas (Giesbrecht et al., 2010). Estes episódios podem ser entendidos como uma crise emocional, temporária, mas que não deixa de ser uma crise para a criança. Esta sente que não consegue controlar os seus impulsos emocionais, perde o autocontrolo e há até um desrespeito pelas normas do comportamento, previamente aceites pela sociedade. É desta crise que ressaltam a frustração e a raiva, sentimentos que a criança não consegue controlar (Goode, 2007; Gouveia, 2009; Mireault & Trahan, 2007; Osterman & Bjorkqvist, 2010).

Os limites linguísticos e de expressão, característicos da infância, seja em termos de vontades, sentimentos ou frustrações agravam as birras, e noutros casos originam-nas (Bath, 1994; Cordeiro, 2011; Daniels, Mandleco & Luthy, 2012; Koch, 2003; Osterman & Bjorkqvist, 2010; Solter, 1992). Elas não possuem os mecanismos suficientes para lidar com a frustração, a linguagem verbal é insuficiente e nem sequer têm capacidades para perceber o futuro e adiar as suas vontades. As suas competências para resolver problemas são diminutas (Gouveia, 2009; Osterman & Bjorkqvist, 2010;

Solter, 1992). As competências linguísticas não acompanham as competências sócio afetivas, e faltando habilidades para compreender a situação, a “explosão” acontece (Bath, 1994; Daniels et al., 2012; Goode, 2007; Osterman & Bjorkqvist, 2010; Solter, 1992). É por este motivo que, à medida que a criança cresce e começa a desenvolver uma linguagem estruturada, as birras começam a diminuir (Cordeiro, 2011; Koch, 2003).

Mas falar em birras na infância remete-nos para um conceito levemente referido em cima que é a onnipotência infantil. Chegada a uma certa fase e/ou idade, a onnipotência deixa de ser “real” e o reconhecimento dessa nova realidade também vai criar angústia e tristeza na criança, portanto a birra manifesta-se com o objetivo de afirmação do Eu, pois percebe que está a perder a onnipotência e que o mundo já não se rege por si (Cordeiro, 2011).

Outro conceito que está implícito e correlacionado com as birras e com a afirmação do EU, é o egocentrismo. Urra (2007) fala-nos em egocentrismo na infância nos primeiros anos de vida e define-a como a incapacidade cognitiva para distinguir entre a sua própria perspectiva e a do outro, pois a criança pensa que o mundo existe e se move à sua volta.

Já Thomas Lickona (*cit in* Urra, 2007) diz-nos que o egocentrismo é a etapa zero do raciocínio moral porque as crianças neste nível de desenvolvimento reconhecem um único ponto de vista: o seu. Isso não quer dizer que ignorem deliberadamente os outros pontos de vista, mas sim que o seu estado mental não lhes permite tomar consciência dessas outras perspectivas.

Há que salientar que o papel dos pais é muito importante na gestão das birras (Urra, 2007). “A consistência e a disponibilidade dos pais para ensinar a criança a gerir as contrariedades vão facilitar a aprendizagem da expressão de emoções nas situações de frustração, e conseqüentemente a resolvê-las da melhor forma. Assim, ensinam as regras sociais à criança, a capacidade de negociação, a resolução de problemas, a tolerância à frustração, a autorregulação, proporcionando o sentimento de segurança necessário à adaptação com sucesso às exigências do meio onde se desenvolve” refere Ramalho (2006, p. 16) no seu livro sobre as birras.

Queirós et al. (2003) estudaram 91 crianças com problemas de comportamento (entre os 3 e os 44 meses), que correspondiam a 41% do género feminino e 59% do sexo masculino, sendo que 26% da amostra total provinham de famílias monoparentais. Constataram que as queixas comportamentais mais frequentes foram as birras.

Delimitando as birras, as faixas etárias de onde as birras são características, verifica-se que estas variam de autor para autor, de estudo para estudo. A ideia mais concordante entre todos é que são características da idade pré-escolar, como alguns autores se limitam a dizer (Giesbrecht et al., 2010; Green, et al., 2011; Koch, 2003).

Apresentando então as diversas propostas, começemos por Solter (1992), que refere que as birras são características entre os 18 meses e os 36 meses, explicando esse intervalo por ser o intervalo onde as crianças começam a ganhar alguma independência, no que diz respeito ao que comer, ao que vestir e portanto, a quererem afirmar-se.

Ramalho (2006), à semelhança de Solter (1992), diz-nos que as birras manifestam-se, frequentemente, entre os 2 e os 3 anos, acrescentando que, a partir dessa idade, as birras começam a ser menos frequentes. Gouveia (2009) também delimita o intervalo entre os 18 meses e os 48 meses, mas refere que o pico se encontra entre os 2 e os 3 anos.

Alguns autores concordam no intervalo delimitado, mas acham pertinente abranger ainda mais faixas etárias, referindo que as birras são um comportamento comum entre o 1º e o 4º ano de vida (Bath, 1994; Bhatia et al., 1990; Belden, Thomson & Luby, 2007; Daniels et al., 2012; Potegal & Davidson, 2003). Potegal e Davidson (2003) reportam um aumento da prevalência das birras de 87% aos 18-24 meses, 91% aos 30-36 meses e uma diminuição da prevalência que se situa nos 59% entre os 42-48 meses.

Outros autores estudaram as birras de crianças em idades pré-escolar, Wakschlag et al (2012) no seu estudo, do qual faziam parte 1490 crianças, entre os 3 e os 5 anos, sendo que 51% eram do género masculino e 49% eram do género feminino, verificaram que a idade mais frequente das birras foi a faixa etária dos 3 anos (mais frequentemente no género masculino).

Finalizando, Bhatia et al. (1990) com uma amostra composta por 800 crianças entre os 3 e os 12 anos, sendo que 182 experienciaram episódios de birras (138 do género masculino e 44 do género feminino), concluiu no seu estudo que a maior incidência de birras ocorre entre os 3 e os 5 anos, rondando os 75.3%. Denotando uma diminuição das birras com o aumento da idade.

Mas também houve quem se debruçasse em níveis etários superiores, Daniels et al. (2012), Koch (2003) e Mireault et al. (2008) salientam que as birras também podem ocorrer em idades posteriores, tanto na infância como na adolescência. As manifestações é que são diferentes. Mireault et al. (2008) no seu estudo com 302 alunos do 4º, 5º e 6º ano (N = 200; 41,5% do género feminino e 54,5% do masculino) e 7º e 8º ano (N = 102; 55% de género feminino e 45% do masculino) concluiu que as birras vão diminuindo com o avançar da idade.

Osterman e Bjorkqvist (2010) constataram através do seu estudo com 132 crianças entre os 5 e os 9 anos (45,5% do género feminino e 52,3% do género masculino), que o intervalo onde se registou maior frequência variou entre o 2º e o 3º ano de vida: 39% das birras começaram entre os 2 e os 3 anos, 25.7% entre os 3 e os 4 anos e 11.4% entre os 4 e os 5 anos. Sendo que, em 57.1% dos casos começaram antes dos 5 anos. Ressalvando um declínio mais rápido a partir dos 4 anos. Os pais, que foram quem respondeu ao questionário, tinham entre 25 e 49 anos.

## **2. Intensidade e Frequência das Birras**

Muitos autores se pronunciaram e estudaram a frequência com que ocorrem as birras e a intensidade que lhes está inerente. As opiniões são várias, mas no fundo todos concordam, as birras são frequentes, a maioria deles refere que entre os 3 e os 5 anos as crianças têm birras todos os dias, e tendem a ser muito intensas, havendo um declínio com o aumento da idade.

Gouveia (2009) refere que entre os 2 e os 3 anos, 20% das crianças

têm birras pelo menos, uma vez por dia e 50-80% têm birras pelo menos uma vez por semana. Acrescentando que as crianças que têm birras frequentes aos 2 anos continuam, em 60% dos casos a ter birras aos 3 anos e as birras persistem aos 4 em 60% destas.

No estudo de Potegal et al. (2003) e Potegal et al (2009), é estimado que entre os 3 e os 4 anos, as crianças tenham birras uma vez por dia. Neste estudo, os pais referem que há aumento e diminuição da intensidade dos episódios e isso é explicável pelo facto de experienciarem emoções díspares. Quando experienciam momentos de raiva, a intensidade das birras aumenta exponencialmente no início, atingindo rapidamente o pico; em contrapartida, em momento de tristeza/angústia, a intensidade das birras vai aumentando ao longo da birra.

Potegal et al (2009) acrescentam que uma vez que a raiva regista vários níveis, também esses têm intensidades diferentes, sendo que os níveis mais elevados e intermédios têm uma elevada intensidade logo de início e atingem rapidamente o pico e os de nível baixo vão aumentando gradualmente, à semelhança das situações de angústia. Isto quer dizer que ao aumentarem rapidamente, também terão uma diminuição mais rápida, e o contrário também se verifica, se vão aumentando gradualmente, também irão diminuir de igual forma. O que se traduz numa intensidade relativamente constante ao longo da birra.

Mireault e Trahan (2007) no seu estudo com 33 crianças (15 do género masculino e 18 do género feminino), com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, concluíram que: 79% dos pais que participaram, responderam que as birras ocorriam muitas vezes; cerca de metade referiu que as birras eram diárias e outra metade que as birras ocorriam semanalmente. O restante relatou os episódios de birras ocorrendo de mensalmente a nunca. Relativamente à intensidade, Mireault e Trahan (2007) concluíram que um terço dos inquiridos classificaram a birra dos seus filhos como digna de registo ou distratora, um terço classificou-a como angustiante ou perturbadora. Os restantes classificaram-na apenas como um pouco perceptível.

Wakschlag et al. (2012) que avaliaram crianças entre os 3 e os 5 anos, constataram que as birras que foram observáveis na maioria dos dias da semana obtiveram uma frequência de menos de 10%. No entanto 83.7% das crianças tinham apresentado birras no mês passado. À sua semelhança, Solter (1992) estima que 50-80% das crianças experienciem um episódio de birra uma vez por semana e 20% todos os dias.

Daniels et al. (2012) dizem-nos que: cerca de 5 a 7% das crianças entre o 1 e os 3 anos têm birras três ou mais vezes por semana. Além disso, 20% de crianças com 2 anos, 18% de crianças com 3 anos e 10% de crianças com 4 anos têm pelo menos uma birra uma vez por dia.

Nas idades mais altas, as birras tendem a ocorrer com menos frequência. As birras, segundo o estudo de Osterman e Bjorkqvist (2010), com crianças dos 5 aos 9 anos, e as conclusões que retirou deste, ocorrem uma vez por dia em 21.3% dos casos, uma vez por semana em 37.3% dos casos, uma vez por mês em 30.7% dos casos e uma vez por ano em 10.7% dos casos. Não existindo diferenças significativas entre géneros.

### 3. Reações das crianças no decurso de uma birra

Cordeiro (2011) e Gouveia (2009) descrevem os comportamentos resultantes da birra, de forma similar, variando em um ou dois comportamentos.

Cordeiro (2011) descreve como uma birra, comportamentos como gritar, berrar, morder, dar pontapés, atirar com pratos, talheres, tudo o que estiver no meio envolvente, bater com os pés no chão, atirar-se para o chão e espernear. E se a agressividade está presente nas manifestações de birras, é porque as crianças nos primeiros anos de vida, ainda estão numa fase instintiva do comportamento e ainda não têm o discernimento de perceber que podem optar por outros meios que não a agressão. Mas cabe aos pais atuar rapidamente, no sentido de minimizar estes comportamentos, promovendo a autorregulação.

Para Gouveia (2009) as manifestações das birras podem ser o choro, os gritos, os pontapés, o bater nos outros, o bater com a cabeça, o morder, o atirar-se para o chão, o espernear, o fugir, o atirar com objetos, sustar a respiração e até mesmo provocar o vómito.

Para Solter (1992) os comportamentos observáveis nas birras são, entre outros, os gritos, o choro, as lamentações e o atirar coisas. Daniels et al. (2012) referem como comportamentos presentes nas birras os seguintes: gritar, chorar, berrar, atirar-se para o chão, bater em paredes, empurrar, dar pontapés, atirar coisas e sustar a respiração. Verifica-se, por conseguinte, semelhança com comportamentos descritos por Potegal e Davidson (2003).

Nos estudos de Potegal e Davidson (2003) e Potegal et al. (2003), ambos com uma amostra de 335 crianças, entre os 18 meses e os 4 anos, foram definidos vários comportamentos que podiam resultar de uma birra, são eles: chorar; gritar; berrar; atirar-se para o chão; dar pontapés a objetos ou a pessoas; bater; empurrar; fugir; enfurecer-se; choramingar; agarrar-se a uma figura adulta/paternal. Através deste estudo concluíram que chorar era a expressão vocal mais frequente, ocorrendo em 86% dos casos. Gritar e berrar ocorreram em cerca de 40% dos casos e choramingar em cerca de 13%. Em termos de expressões físicas, atirar-se para o chão ocorreu em 37% dos casos, dar pontapés e bater em cerca de 26% e fugir/afastar-se em 23% dos casos.

Potegal et al (2009) no seu estudo, com uma amostra de 130 crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 12 anos, elaboraram uma lista de manifestações das birras que integra os seguintes comportamentos: praguejar contra alguém; morder/arranhar; fugir; ameaçar; empurrar; gritar; bater contra a parede; magoar alguém; dar pontapés; fazer-se cair; atirar coisas; derrubar; chorar; despir-se; bater com a cabeça; isolar-se; amedrontar-se; e choramingar. Estas manifestações podem ser divididas em atos verbais (choramingar; ameaças verbais; gritar), atos físicos discretos (despir-se; morder/arranhar; empurrar; bater contra a parede; magoar alguém; dar pontapés; fazer-se cair; atirar coisas; derrubar; bater com a cabeça; e expressões (isolar-se; amedrontar-se; fugir). Gritar e dar pontapés foram os comportamentos mais comuns, ocorrendo em 80% dos casos; ameaças

verbais, empurrar e atirar coisas ocorreram em 40-50% dos casos; e o chorar, fugir, isolar-se, amedrontar-se foram os menos frequentes, ocorrendo em menos de 30%.

Uma vez que Potegal e Davidson (2003) e Potegal et al. (2003) definiram a raiva em três níveis, podemos correlacioná-los com os comportamentos observados nas crianças. Assim, dar pontapés, gritar, bater e enfurecer-se evidenciam níveis altos de raiva, aos quais Potegal et al. (2009) acrescentaram magoar alguém. Por seu turno, atirar-se para o chão e berrar dizem respeito ao nível intermédio, onde Potegal et al. (2009) acrescentaram atirar coisas. Empurrar corresponde ao nível mais baixo de raiva, sendo que Potegal et al. (2009) acrescentaram derrubar. Os restantes comportamentos, são entendidos como resultado de uma enorme angústia, como o chorar, o fugir ou agarrar-se a uma figura adulta/paternal, Potegal et al (2009) acrescentaram o amedrontar-se.

Posto isto, quais são os comportamentos mais frequentemente tidos pelas crianças no decurso de uma birra? No estudo de Goodenough (1931 *cit in* Green et al., 2011), os comportamentos mais frequentes nas birras foram o bater, o dar pontapés, atirar-se para o chão e bater com os pés no chão, que ocorreram entre 3% e 28%. Os comportamentos verbais mais comuns foram o choro, o grito, o choramingar, o berrar, ocorrendo de 25% a 85% dos casos.

No estudo de Green et al. (2011), também se analisou a intensidade das expressões verbais de raiva e angústia resultantes de uma birra em crianças de 2 e 3 anos. As vocalizações que expressavam raiva foram entendidas como o gritar e o berrar e as vocalizações que expressavam angústia foram o chorar e o choramingar e/ou reclamar, de acordo com o Modelo Raiva-Angústia (Potegal & Davidson, 2003; Potegal et al, 2003). Constataram que a raiva estava associada a vocalizações com mais concentração de energia e frequências mais elevadas, enquanto que a angústia era retratada por vocalizações com menor concentração de energia e menor frequência.

Bhatia et al. (1990) verificaram no seu estudo que os comportamentos mais tidos pelas crianças no decurso de uma birra são: 52,7% das crianças atiravam-se para o chão, 37,6% dava pontapés e 36,2% gritava ou chorava.

Chorar é, segundo os estudos de Green et al. (2011) e os estudos de Solter (2006) a expressão verbal mais característica das birras. Para Solter (2006) um choro excessivo é sinal de um grande nível de angústia, mas que traz bastante alívio aquando do seu fim. Chorar é importante para o processo de interiorização e ajuda a criança a diminuir a angústia. Faz parte do crescimento e aprendizagem. O chorar ajuda a criança a controlar a frustração e poderá diminuir futuras explosões violentas, que muitas crianças têm num momento de raiva, como bater, morder.

Wakschlag et al (2012) utilizaram no seu estudo itens como atirar-se para o chão, prender a respiração, destruir coisas, bater, empurrar e dar pontapés. Além disso, no âmbito comportamental, apresentavam várias opções com ele relacionadas como por exemplo, atirar-se para o chão por mais de cinco minutos, atirar-se para o chão quando o tentam ajudar ou atirar-se para o chão até à exaustão. Demonstraram comportamentos de agressão, 23,5% das crianças.

No estudo de Osterman e Bjorkqvist (2010) os comportamentos descritos são: chorar; gritar; berrar; bater em pessoas; bater em objetos ou similares; atirar-se para o chão; ser incapaz de se controlar; deliberadamente bater com a cabeça em alguma coisa; destruir coisas; atirar coisas; fugir; e morder. Osterman e Bjorkqvist (2010) descrevem os comportamentos visíveis nas birras sob duas formas, os físicos, como atirar-se para o chão, bater, e os verbais, como chorar e gritar. Refere ainda que a violência verbal não é normalmente usada pelas crianças, o que pode ser explicado pela reduzida linguagem expressiva, relativamente à recetiva.

No estudo realizado por Belden et al. (2007) com crianças saudáveis e com crianças com algum tipo de perturbação identificada (Depressão, PHDA, comportamento de oposição, perturbação de conduta), perfazendo um total de 279 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, constatou-se que as crianças saudáveis tinham tendência para demonstrar birras com crises menos violentas, menos autolesivas, menos destrutivas e com menor agressão verbal. As suas birras foram consideradas menos graves e também menos duradouras e frequentes.

Com os diversos estudos apresentados, foi possível constatar-se que os comportamentos diretamente observáveis aquando de um episódio de birra, são semelhantes. Alguns estudos não relatam um ou outro comportamento, enquanto outros estudos acrescentam um ou dois comportamentos, mas na generalidade as opções de todos são concordantes.

#### **4. Reação dos pais face a uma birra**

Os pais, face à primeira birra, têm de responder com calma, mas com absoluta determinação. Têm de falar com a criança, não lhe bater, mas ser inflexíveis. Explicar-lhes as razões pelas quais não se satisfaz o seu desejo. Por nenhuma razão, se permitirá que a criança consiga o que quer depois de uma birra; desde muito pequena tem de interiorizar que as birras não conduzem a nada. Ocasionalmente, ignorá-las pode ser eficaz a longo prazo. A atuação deverá ser igual quer ocorram em casa dos avós, num supermercado cheio de gente ou na nossa casa quando somos visitados pelos amigos. Se reforçarmos a birra proporcionando o objeto desejado, facilitamos que volte a repetir-se. Se a ignorarmos, o comportamento tenderá a reduzir-se (Urta, 2007).

E aquando de uma birra, salientam Cordeiro (2011) e Ramalho (2006), é essencial não perder o controlo nem de si nem da situação. Temos como exemplo, uma birra num local público, os pais nesta situação têm de manter a calma, afastar a criança e deixar que esta própria se acalme. No meio de toda a confusão, a criança não irá conseguir manter-se calma, nem organizar os seus sentimentos e compreender a situação. Cordeiro (2011) considera que repreender, castigar, dar longos sermões, ameaçar, chantagear, prometer, suplicar, culpabilizar, ridicularizar, chamar nomes, gritar ou berrar, ordenar, exigir e comparar com colegas ou irmãos, dar uma palmada são estratégias que por muito que possam resultar a curto prazo, não vão resultar a longo prazo.

As próprias crianças amedrontam-se, muitas vezes com a sua birra, com aquele estado de desatino completo. E nestas situações, dar mimo e confortar, não são sinais de fraqueza, desistência ou má forma de educação, mas sim um sinal de amor e compaixão para quem está francamente assustado. Depois haverá tempo para esclarecer e resolver a situação (Bath, 1994; Cordeiro, 2011; Ramalho, 2006). Mas não se deve entender este conforto como cedência. Não se deve, em situação alguma ceder a uma birra e deve aprender-se a dizer não, firmemente (Cordeiro, 2011; Ramalho, 2006).

Portanto, há que manter a calma durante uma birra, não responder emocionalmente nem por palavras nem por gestos, olhares ou rigidez corporal. Caso necessário, agarrar a criança, nem que seja para prevenir que se magoe, levá-la para um local onde possamos conversar à vontade, dizer-lhe que gostamos dela, mas explicar-lhe que o seu comportamento não está a ser correto, dar-lhe tempo para ela própria se acalmar, nem que tenhamos de arranjar estratégias de contagem até um determinado número e, também muito importante, dar-lhe razão, sempre que esta a tiver, explicando-lhe que apesar de ter razão não pode reagir assim (Cordeiro, 2011).

Para Goode (2007) os pais devem manter a calma perante uma birra e tentarem que a criança perceba que podem ter uma conversa calma sem conflitos, devem respirar e esperar uns segundos antes de decidirem o que fazer, distraí-la (ou tentar) será sempre uma boa opção, tanto quanto afastá-la para que se acalme. É importante fazê-la perceber que está errada e que aquele não será o melhor caminho para atingir os seus objetivos, e tentar com que se exprima calmamente. E não esquecer que apesar de o comportamento ser punível, se continua a gostar da criança e portanto há que lhes dar conforto suficiente para que percebam isso.

Mas será que todas as birras merecem atenção? Não, há birras que se podem ignorar, não só pelo fato de serem birras ‘pequenas’, mas com o objetivo de estas se extinguirem, pois ignorar uma birra pode evitar a sua proliferação (Cordeiro, 2011).

Solter (1992) refere ser importante os pais manterem uma proximidade com a criança, em vez de se isolarem dela, a fim de perceberem os seus sentimentos e emoções, e tentando ajudá-la a expressarem-se verbalmente. Devem tranquilizá-la e permitir que chore, o quanto quiser, até conseguir conversar.

Para Gouveia (2009) quando de uma birra não se deve tentar chamar a criança à razão, assim como não se deve castigar por estar a fazer uma birra, nem recompensar a birra (ou seja, fazer-lhe a vontade). Deve-se atuar logo no início da birra, levando-a, caso necessário, para um local isolado, desviando a sua atenção da causa da birra, impedir a criança de se magoar a si e/ou aos outros e ignorando, em alguns casos, a birra. Pontos nos quais também Daniels et al. (2012) concordam, os pais devem tentar distrair as crianças, tentando que fiquem calmas, fazendo com que a birra não atinja o seu expoente máximo, se for preciso ignorá-las, de forma a que se extingam, caso contrário, dar-lhes tempo para se acalmarem, antes de conversarem com elas, mas nunca cederem a uma birra.

No estudo de Potegal e Davidson (2003), são descritas algumas



estratégias que estes consideram que os pais adotam para resolver as birras dos seus filhos, como por exemplo: falar com eles; impedi-los de fugirem ou tomarem outro tipo de comportamento mais brusco; darem algum objeto à criança para esta se acalmar; ou darem o que elas querem; fornecerem-lhe conforto e carinho; punirem a criança pelo seu comportamento; deixá-los no sítio onde estavam a fazer a birra; darem-lhes tempo para se acalmarem. O que é concordante com as opiniões dos autores anteriores, excetuando a questão do ceder à birra.

Alguns autores avaliaram quais as estratégias parentais mais utilizadas. Mireault e Trahan (2007) sugerem que os pais sejam menos propensos a gerir uma birra com disciplina física, contenção, crítica ou isolamento, mas que tentem acalmar as crianças e que usem técnicas de redução de ansiedade. Na conclusão do seu estudo, verificaram que os pais optavam por acalmar a criança (59%), dar-lhe um tempo limite para se acalmar (37%) e ensiná-la a manter a calma (31%).

No estudo de Bhatia et al. (1990), 20% a 40% dos pais relatam que respondem às birras com críticas, contenção física e disciplina física severa. Os pais/cuidadores face a uma birra: atendem às necessidades da criança (36.4%); abusam ou criticam a criança (53.6%); impõem restrições físicas (48.2%); isolam a criança por um período de tempo (32.1%); raciocinam com a criança (26.8%); ou batem na criança (20.4%). Estudo este, que introduziu a questão da punição física, não referida pelos anteriores autores.

## 5. Desencadeantes das birras

Com frequência, as pessoas (e as crianças e adolescentes em particular) sofrem variações de humor que não dependem apenas de fatores externos ou de fatores pessoais perceptíveis. Provavelmente, o que está na génese destas mudanças é um conjunto de circunstâncias, contextos e causas, que faz com que o nosso temperamento varie (Cordeiro, 2011).

E afinal em que situações as birras são mais frequentes? Podemos enumerar várias situações, entre elas, a hora da refeição, os momentos em que estão em público, com muita gente e muita confusão, quando têm sono, quando têm fome, quando estão cansadas, quando querem atenção e quando querem uma coisa e não percebem porque não lha dão (Cordeiro, 2011).

As birras, frequentemente, ocorrem em situações onde a criança possa estar menos lúcida, menos consciente, mais vulnerável, como por exemplo, na hora da refeição, na hora do vestir, quando está em público, em ambientes de muita confusão e com muita gente, quando tem sono, quando tem fome, quando está cansada, quando está frustrada, com raiva, quando tem medo ou quando quer muito uma coisa e não percebe porque não pode tê-la, quando a rotina é alterada (Cordeiro, 2011; Daniels et al., 2012; Koch, 2003; Mireault & Trahan, 2007; Potegal & Davidson, 2003; Solter, 1992; Wakschlag, 2012).

A maioria das birras estão associadas a necessidades da criança para o conforto, para a comida, para a bebida, podem ter a ver com a doença, com a dor ou o cansaço. Muitas vezes prendem-se com o impedimento de fazer alguma coisa ou a obrigação de fazer outra coisa (Bath, 1994).

Daniels et al. (2012) também concordam com estes desencadeantes, dizendo que as birras são observáveis quando a criança está cansada, zangada, frustrada, quando precisa de atenção, quando quer alguma coisa, quando não quer fazer alguma coisa ou quando quer fazer alguma coisa e não a deixam.

Para Koch (2003) as birras surgem em situações semelhantes às anteriores, quando a criança não consegue o que quer, quando está frustrada, quando está cansada, ou quando as suas necessidades não são atendidas e acrescenta as birras que são provocadas por situações onde a criança é confrontada com o aumento da responsabilidade, por exemplo, ter de se portar de certa maneira numa situação específica.

Na opinião de Gouveia (2009) as crianças recorrem às birras para chamar a atenção sobre si, ou quando já dominam a linguagem falada, a partir dos 3 anos, como forma de obterem o que querem e de manipular o adulto. Sendo que os fatores desencadeantes podem ser o cansaço, o sono, a fome e certas situações como a refeição, a hora de deitar, as idas ao supermercado. Gouveia (2009) enuncia a questão da falta de atenção, ainda não referida pelos autores.

No estudo de Potegal e Davidson (2003) verificou-se que as birras eram frequentes na hora de comer, na hora de dormir, na hora de vestir, como já mencionado pela maioria dos autores e adiciona outro momento, o da resolução de conflitos já iniciados com colegas ou mesmo com os pais, quando estão a fazer as pazes. Momento este que também é reportado no estudo de Mireault e Trahan (2007) que concluem que os desencadeantes iam de encontro às seguintes respostas: negação de um pedido (66%); cansaço (62%) e conflitos com outros (irmãos ou pares – 42%).

Potegal, Kosorok e Davidson (2003) referem que as birras, geralmente, ocorrem quando as crianças estão cansadas, zangadas ou com fome. Mireault e Trahan (2007) acrescentam outro desencadeante já mencionado anteriormente, que está relacionado com qualquer situação em que seja necessário sair da habitual rotina da criança.

De acordo com o estudo de Bhatia et al (1990), os desencadeantes são: um cuidador que não entende as necessidades das crianças (78.2%); a interrupção de um jogo/brincadeira (48.6%); medo de abandono (36.4%); hora de ir para a escola (26.2%); hora de ir à casa de banho (22.2%); conhecer uma pessoa estranha (21.9%); críticas à criança (18.6%); e alguém a imitar a birra da criança (8.2%).

Wakschlag et al (2012), resumiu a sua conclusão sobre os desencadeantes mais frequentes das birras com três episódios emocionais: situações em que a criança se encontrava com raiva, frustrada ou chateada.

## II - Objetivos

Os principais objetivos desta investigação prendem-se com as manifestações e os desencadeantes das birras na ótica dos pais e consequentes medidas tomadas por estes. Investigação esta que se cinge às idades onde as birras estão mais presentes, na idade pré-escolar, entre os 3 e os 5 anos, inclusive (Giesbrecht et al., 2010; Green et al., 2011; Koch, 2003). Além disso, a investigação dirige-se a crianças que não tenham nenhuma patologia identificada nem qualquer tipo de perturbação.

O estudo das birras torna-se muito importante e interessante não só aos olhos dos profissionais de educação e saúde como para os próprios pais que com frequência se vêm confrontados com esta situação, que muitas vezes se torna incontrolável.

Partindo dos objetivos gerais enunciados, pretende-se responder às seguintes questões:

- Qual a frequência com que as birras acontecem?
- Quais os comportamentos mais frequentemente manifestados pelas crianças no decurso de uma birra? São maioritariamente de raiva, angústia ou isolamento?
- Quais as estratégias utilizadas pelos pais face a uma birra? São maioritariamente de cedência, punitivas ou não punitivas?
- Quais os motivos pelos quais as crianças fazem mais birras?

Além disso, optou-se por analisar o impacto de algumas variáveis como por exemplo: o sexo da criança; a idade da criança; e tipo de família (famílias nucleares, famílias nucleares alargadas, famílias monoparentais e família monoparental alargada). Em último lugar, procurou-se correlacionar os comportamentos manifestados pelas crianças e as estratégias utilizadas pelos pais face às birras.

No que respeita ao impacto das variáveis referidas nota-se que a idade é uma variável que muita influência pode ter, uma vez que as birras de uma criança de 3 anos não serão iguais às de uma criança de 5 anos. Potegal et al. (2003), Potegal e Davidson (2003) e Potegal et al (2009) consideram que as birras são episódios que envolvem uma forte expressão das emoções e que as principais emoções experienciadas são a raiva e a tristeza/angústia (surgindo o Modelo Raiva-Angústia), referindo ainda que há uma ocorrência das birras de 87% para os 18-24 meses, 91% para os 30-36 meses e uma diminuição da ocorrência, 59%, entre os 42-48 meses. A frequência e intensidade com que as birras acontecem também variam de idade para idade, sendo de esperar que a partir dos 3 anos as birras comecem a ser menos frequentes (Ramalho, 2006). Relativamente ao sexo da criança, também é importante verificar se existem diferenças a este nível, uma vez que as opiniões se dividem: Potegal e Davidson (2003), Bhatia et al. (1990) e Mireault et al. (2008) constataram que existiam diferenças entre sexos; nos estudos de Gouveia (2011) e de Oesterman e Bjorkqvist (2010) constatou-se que não havia diferenças. Giesbrecht et al. (2010), Queirós et al. (2003) e Ramalho (2006) referem, e introduzindo a última variável, o tipo de família, a relevância dos múltiplos contextos em que a criança está inserida e das influências que a família exerce.

## II - Metodologia

### 1. Amostra

#### Seleção da Amostra

No que diz respeito à seleção dos sujeitos para esta investigação foram tidos em conta alguns parâmetros, designadamente as idades das crianças da amostra, uma distribuição equitativa em termos de género e a ausência de qualquer perturbação associada. Como foi referido no enquadramento, à medida que a criança cresce, vai desenvolver capacidades para gerir as suas próprias emoções e tudo o que experencia, por isso os primeiros anos de vida são os mais característicos das birras, tendo o seu auge na idade pré-escolar (Giesbrecht et al., 2010; Green et al., 2011; Koch, 2003). Deste modo, a faixa etária contemplada nesta investigação encontra-se entre os 3 e os 5 anos, inclusive. A amostra foi recolhida no Colégio de Santa Maria da Associação Portuguesa de Pais e Amigos de Cidadãos com Deficiência Mental (APPACDM) de Coimbra, no Agrupamento de Escolas Verde Horizonte, situado em Mação, e no Agrupamento de Escolas de Sardoal. A escolha destes locais foi baseada nos seguintes aspetos: o Colégio de Santa Maria da APPACDM de Coimbra foi escolhido por ter sido o meu local de estágio curricular e por contemplar as idades compreendidas no estudo; o Agrupamento de Escolas Verde Horizonte foi escolhido pela proximidade da minha terra natal e pela estreita ligação que tenho com as gentes daquela terra; por fim, o Agrupamento de Escolas de Sardoal foi escolhido por ter sido a minha “segunda casa” entre os 3 e os 18 anos e significar tanto para mim.

O primeiro contacto, relativamente ao Colégio de Santa Maria, foi feito por carta, dirigida à presidente da APPACDM de Coimbra, nos outros dois Agrupamentos, o contacto foi feito pessoalmente, ainda que também acompanhados de uma carta. O conteúdo da carta e do contacto estabelecido com cada um dos diretores dos Agrupamentos baseou-se na apresentação do projeto e respetivos objetivos, e formalização do pedido de autorização para me deslocar, em data a assinalar, às turmas pré-escolares, a fim de recolher, junto dos pais das crianças, os dados necessários. Posto isto, e depois de obter, dos três locais, uma resposta positiva e colaborante, foi feito um contacto direto com os educadores das diversas turmas, aos quais foram explicados os objetivos da investigação e a importância da sua colaboração. De seguida, e de acordo, com os critérios anteriormente estabelecidos e mencionados, foi possível chegar-se a um número mínimo e previamente estabelecido de crianças que preenchiam os requisitos, tendo em conta, também, o número de inquiridos necessários, isto é, de pais ou substitutos parentais.

O contacto com os pais foi realizado durante o mês de Março e princípio do mês de Abril. Neste contacto, à semelhança de contactos estabelecidos anteriormente, foram explicados os objetivos da investigação,

salientada a importância da sua colaboração e garantida a confidencialidade dos dados recolhidos. Uma vez obtido o consentimento de participação dos pais, a primeira parte do questionário foi respondida na hora, e em formato de entrevista, para eventuais dúvidas ou esclarecimentos, sendo o restante questionário entregue e levado para casa, a fim de ser devolvido devidamente preenchido à educadora da sala que mo faria chegar. Em 47 dos casos, dada a indisponibilidade e tempo para responder, no exato momento, não foi possível fazer diretamente as perguntas da primeira parte do questionário, sendo o questionário entregue, de imediato. Depois deste contacto, foi acordada uma data limite com a educadora, para ser feita a recolha de todos os questionários, que no total foram 95. Em 12 dos casos, a própria educadora deu-me indicações de algumas referências que os pais tinham dado aquando da entrega dos questionários, que foram acrescentados por mim à posteriori, quando esta lhe pediu informações mais específicas no que respeita à primeira parte do questionário (uma vez que eu lhe tinha referido a importância das respostas concretas nesta parte e para estar atenta a esse aspeto).

### **Caraterização da amostra**

A amostra é constituída por 90 crianças, tendo sido os pais/substitutos parentais quem ficou encarregue de responder ao questionário. Relativamente às crianças (Tabela 1), estas têm 3, 4 e 5 anos, estando uniformemente divididas pelas 3 faixas etárias. São 46 crianças do sexo masculino (51,1%) e 44 do sexo feminino (48,9%).

Relativamente à questão das crianças serem ou não filhos únicos, constatou-se que 57 crianças têm outros irmãos (63,3%). Avaliando o tipo de família, através da pergunta ‘‘Com quem mora a criança?’’, verificou-se que a grande maioria provém de famílias nucleares, correspondente a 69 famílias (76,7%). No que diz respeito ao nível socioeconómico, a maioria das famílias (46) provém de um nível socioeconómico médio (51,1%). Por fim, foi possível constatar que a larga maioria dos inquiridos foram as mães, correspondendo a 77 dos inquiridos (85,6%). Relativamente a este último aspeto, não é de estranhar que a mãe tenha sido a figura familiar que mais respondeu aos questionários, uma vez que, é a mãe que passa mais tempo com os filhos, que tem mais consciência e que lida mais com os comportamentos de birra que os seus filhos experienciam. Além disso, as mães já haviam sido mais contactadas do que os pais nos estabelecimentos de ensino pré-escolar.

**Tabela 1**  
**Caraterísticas das Crianças**

	N	%
<b>Sexo</b>		
Masculino	46	51,1
Feminino	44	48,9
<b>Idade</b>		
3 Anos	30	33,3
4 Anos	30	33,3
5 Anos	30	33,3
<b>Irmãos</b>		
Sim	57	63,3
Não	33	36,7
<b>Tipo de família</b>		
Nuclear	69	76,7
Monoparental	11	12,2
Nuclear Alargada	7	7,8
Monoparental Alargada	3	3,3
<b>Nível Socioeconómico</b>		
Baixo	36	40,0
Médio	46	51,1
Alto	8	8,9

A classificação do tipo de família e do nível socioeconómico foi baseada em parâmetros, definidos por Caniço et al. (2010) e Simões (1995), respetivamente.

Relativamente ao tipo de família, as designações dadas têm em conta Caniço et al. (2010) que definiram vários tipos de família, de entre eles, a família nuclear, onde existe uma união entre adultos e um nível de descendência de pais e seus respetivos filhos; a família monoparental da qual faz parte um único progenitor que habita com os seus filhos; e a família alargada, onde coabitam ascendentes, descendentes e/ou colaterais por consanguinidade ou não, para além dos progenitores e/ou filhos. Consequentemente a família nuclear alargada será uma família onde coabitam os progenitores e os filhos e ascendentes, descendentes e/ou colaterais por consanguinidade ou não e a família monoparental alargada onde coabita o único progenitor com os filhos e os ascendentes, descendentes e/ou colaterais por consanguinidade ou não. Em termos práticos, a nuclear alargada diz respeito a uma família onde para além dos progenitores e dos filhos, habitam tios, avós e/ou primos, e a monoparental alargada segue os mesmos moldes, mas só coabita um progenitor.

No que diz respeito ao nível socioeconómico, este foi baseado na profissão e nível de instrução mais elevado de qualquer um dos progenitores e classificado em três níveis: baixo, médio e elevado (Simões, 1995). Sendo que no nível socioeconómico baixo têm-se os trabalhadores assalariados por conta de outrem, trabalhadores da construção civil, empregados de balcão e de pequeno comércio, cozinheiros, empregados de mesa, de limpeza,

pescadores, trabalhadores agrícolas, vendedores ambulantes, trabalhadores especializados em indústria, motoristas, com nível de instrução até ao 8º ano de escolaridade; no nível socioeconómico médio têm-se os profissionais técnicos independentes, pescadores proprietários de embarcações, empregados de escritório, bancários, agentes de segurança, contabilistas, enfermeiros, assistentes sociais, professores de ensino primário e secundário, comerciantes e industriais, com nível de instrução do 9º ano ao 12º ano de escolaridade ou cursos médios e superiores; no nível socioeconómico elevado têm-se os grandes proprietários ou empresários agrícolas, do comércio e da indústria, quadros superiores de administração pública, comércio e indústria, profissões liberais, artistas, oficiais superiores das forças armadas e militarizadas, pilotos de aviação, com instrução desde o 4º ano de escolaridade (de modo a incluir grandes proprietários e empresários) até à licenciatura (mestrado ou doutoramento) (Simões, 1995).

**Tabela 2**  
**Caraterísticas dos Pais**

	N	%
<b>Mãe</b>		
<b>Idade</b>		
<30	13	14,4
31-40	66	73,3
>40	9	10
<b>Escolaridade</b>		
1º Ciclo	1	1,1
2º Ciclo	4	4,4
3º Ciclo incompleto	5	5,6
3º Ciclo	14	15,6
Secundário incompleto	6	6,7
Secundário	33	36,7
Licenciatura	22	24,4
Mestrado	3	3,3
<b>Empregada ou não</b>		
Sim	60	66,7
Não	27	30
<b>Pai</b>		
<b>Idade</b>		
<30	3	3,3
31-40	64	71,1
>40	21	23,3
<b>Escolaridade</b>		
1º Ciclo	1	1,1
2º Ciclo incompleto	1	1,1
2º Ciclo	13	14,4
3º Ciclo incompleto	4	4,4
3º Ciclo	18	20
Secundário incompleto	4	4,4

**Tabela 2 (continuação)**  
**Caraterísticas dos Pais**

	N	%
Secundário	31	34,4
Licenciatura	12	13,3
Mestrado	2	2,2
<b>Empregado ou não</b>		
Sim	81	90
Não	7	7,8

No que diz respeito aos pais/substitutos parentais das crianças que constituem a amostra desta investigação e, começando por analisar o perfil da figura materna, das 90 mães que seriam de esperar, não se tem qualquer informação acerca de duas delas, portanto o *N* será de 88 (Tabela 2). As idades destas estão compreendidas entre os 21 e os 46 anos, estando a média nos 34,53 anos ( $DP = 5,12$ ). A maioria (66) está numa faixa etária entre os 31 e os 40 anos, correspondendo a 73,3%. Ao nível da escolaridade, uma grande parte tem o secundário completo (33 mães), o que corresponde a uma percentagem de 36,7% e 22 delas têm licenciatura (24,4%). Relativamente à empregabilidade, 66,7% das mães estão empregadas.

Analisando o perfil da figura paterna, tem-se, igualmente, uma amostra de 88 sujeitos, dado que não temos nenhuma informação acerca de dois dos pais das crianças da amostra (ver Quadro 2). As idades dos pais estão compreendidas entre os 26 anos e os 52 anos, sendo a média das idades de 37,45 anos ( $DP = 5,20$ ). Dos pais, 64 estão numa faixa etária entre os 31 e os 40 anos, o que corresponde a 70% da amostra. No que diz respeito ao nível de escolaridade, 18 dos pais têm o 3º ciclo (20%), cerca de 1/3 tem o secundário completo (31 pais), o que corresponde a uma percentagem de 34,4%, e 12 têm uma licenciatura (13,3%). Ao nível da empregabilidade, a grande maioria está empregada, 81 deles, o que corresponde a uma percentagem de 90%.

## 2. Instrumentos

O instrumento utilizado para a recolha dos dados necessários para esta investigação foi um Questionário de Birras. Este questionário que já existia, resultado de uma investigação anterior (Silva, 2013), sofreu algumas alterações, de modo a melhor responder aos objetivos que esta investigação pretendia, sendo que não se alterando o seu formato multidimensional, foram acrescentadas secções e questões.

Assim sendo, o presente questionário é composto por quatro partes distintas, com formatos diferentes e com objetivos, também eles, diferentes. A anteceder estas quatro partes, temos uma folha de rosto para a obtenção de toda a informação acerca da criança e dos pais, designadamente o sexo da criança, a sua idade e o número de anos de frequência no pré-escolar, a idade, a profissão e o nível de escolaridade do pai e da mãe e por fim, duas perguntas relativas a quem vive com a criança e quem responde ao questionário.



A primeira parte é composta por 3 questões de resposta aberta, relativas à frequência das birras, com limite temporal (nos últimos três meses), aos comportamentos manifestados pela criança durante a birra e ao comportamento dos pais face à última birra. Optou-se por este tipo de questões iniciais, uma vez que através destas perguntas de resposta aberta podemos obter mais informação, uma informação mais detalhada e mais rica e por vezes, dão informação inesperada e útil (Hill & Hill, 2005). A informação qualitativa é sempre um complemento e uma contextualização da informação, e permite ao inquirido exprimir-se melhor, nas suas próprias palavras, não estando limitado, o que permite que sejam recolhidas informações mais completas, fazendo com que o inquirido não se sinta influenciado por algum tipo de resposta (Moreira, 2004). Assim, posteriormente, realizar-se-á uma análise de conteúdo às respostas obtidas, com o intuito de produzir inferências para o contexto do estudo de forma objetiva (Amado, 2000; Silva e Fossá, 2013). Passará por três fases distintas: a pré-análise – leitura e sistematização das ideias; a exploração da informação – definição das regras de contagem e classificação e agregação das informações em categorias de acordo com os objetivos pretendidos; e interpretação – recolher os conteúdos manifestos e latentes contidos nas respostas obtidas (Amado, 2000; Silva e Fossá, 2013).

A segunda parte é composta por 16 itens, que dizem respeito aos comportamentos manifestados pelas crianças aquando uma situação de birra, mas igualmente dão-nos informação acerca da frequência desses comportamentos, uma vez que tem uma escala de resposta com opções usando advérbios de frequência: nunca, às vezes, muitas vezes. A escolha de itens com escalas referenciadas, onde em cada item se tem a sua descrição, permite ao inquirido efetuar um julgamento mais objetivo acerca do comportamento em causa, e assim escolher uma opção mais concreta, pois as opções estão definidas com clareza e não levam a dúvidas (Moreira, 2004). Sendo itens de frequência, é preferível que tenham todos os níveis da escala definidos com precisão. E como o objetivo é uma avaliação sobre a frequência do comportamento, é admissível utilizar uma escala referenciada com advérbios de frequência (Moreira, 2004).

Os itens que compõem esta segunda parte vão de encontro ao Modelo de Raiva-Angústia proposto por Potegal e seus colaboradores (Potegal et al., 2009). De ressaltar que foram acrescentados itens relativos ao Isolamento, uma vez que através da pesquisa feita, estes também eram comportamentos normalmente manifestados pelas crianças em situações de birra (Mireault & Trahan, 2007; Oesterman & Bjorkqvist, 2010; Potegal et al., 2003; Potegal & Davidson, 2003; Potegal et al, 2009). Aos 12 itens já existentes, foram então acrescentados itens referentes ao Isolamento, à Raiva e à Angústia, que foram intercalados, para que não estivessem seguidos itens respeitantes ao mesmo tipo de comportamento. No que diz respeito ao Isolamento, os itens acrescentados foram o 4 “Quando ele(a) faz uma birra isola-se/foge para um canto” baseado nos estudos de Oesterman e Bjorkqvist (2010), Potegal et al. (2003), Potegal e Davidson (2003) e Potegal et al (2009) e o 8 “Quando ele(a) faz uma birra evita o contacto” baseado nos estudos de Mireault e Trahan (2007), de Oesterman e Bjorkqvist (2010), de Potegal et al. (2003), de Potegal

e Davidson (2003) e Potegal et al. (2009). O item acrescentado relativo à Angústia foi o 14 “Quando ele(a) faz uma birra agarra-se a mim a chorar” baseado nos estudos de Potegal et al. (2003) e Potegal e Davidson (2003). Por fim, o item acrescentado que diz respeito à Raiva foi o item 15 “Quando ele(a) faz uma birra atira-se para o chão” baseado nos estudos de Daniels et al. (2012), Green et al. (2011), Oesterman e Bjorkqibist (2010), Potegal et al. (2003), Potegal e Davidson (2003), Potegal et al. (2009) e Wakschlag et al. (2012). Assim sendo, do presente questionário, os itens 3, 5, 7, 9, 10, 12, 13 e 15 dizem respeito à raiva, os itens 1, 2, 6, 11 e 14 dizem respeito à angústia e os itens 4 e 8 dizem respeito ao isolamento.

A terceira parte é composta por 20 questões relativas aos comportamentos manifestados pelos pais aquando uma situação de birra dos seus filhos, variando as respostas entre -2 e +2, que correspondem, respetivamente, a completamente em desacordo e completamente de acordo. Optou-se por este tipo de escala, denominada escala numérica de concordância, uma vez que permite ao inquirido ter um nível de concordância máxima, a cotação positiva mais alta (+2), um nível de discordância máxima, a cotação mais baixa (-2) e uma resposta neutra, que se encontra ao nível do 0 (Hill & Hill, 2005, Moreira, 2004). Este tipo de escala vai ajudar o inquirido a compreender a natureza da tarefa que lhes é pedida, uma vez que os itens seguem a ideia base da escala bipolar (tendo o valor neutro, os positivos e os negativos) e assim sendo a medida de tendência central (0) é entendida de forma correta e interpretada como a média (Moreira, 2004). Este tipo de resposta não incentiva o inquirido a dar uma resposta positiva nem o incentiva a dar uma resposta negativa, pois ele tem a possibilidade de escolher uma resposta positiva, ou uma negativa e ainda uma resposta neutra. Este é o tipo de itens mais comumente utilizado quando se pretende uma opinião (Hill & Hill, 2005). Os itens desta terceira parte referem-se a estratégias que podem ou não ser utilizadas pelos pais quando o seu filho está a fazer uma birra, e dentro destas existem as Estratégias Punitivas, Não Punitivas, de Cedência e o Ignorar, sendo esta classificação similar ao anterior questionário, uma vez que apenas o Ignorar foi acrescentado. À semelhança da segunda parte, também aqui foram adicionados itens, que foram intercalados entre os já existentes. Foi acrescentado um item referente a estratégias não punitivas, o 18 “Quando ele(a) faz uma birra tento distraí-lo(a)”, baseado no estudo de Daniels et al. (2012), um item referente à cedência, o 19 “Quando ele(a) faz uma birra dou-lhe carinho”, baseado no estudo de Potegal et al. (2003) e um item referente a ignorar, o 20 “Quando ele(a) faz uma birra ignoro-o(a)”, baseado no estudo de Mireault et al. (2007). Assim sendo, no presente questionário, os itens 1, 5, 7, 9, 11, 13, 15 e 18 são estratégias não punitivas, os itens 4, 8, 10, 12, 14 e 17 são estratégias punitivas, os itens 2, 6, 16 e 19 dizem respeito à cedência e os itens 3 e 20 dizem respeito ao ignorar.

Por fim, temos a quarta parte, que pretende avaliar quais os 3 principais motivos pelos quais as crianças fazem birra, de entre os 12 descritos. Este tipo de itens é de resposta com alternativas, que permite ao inquirido escolher de entre um leque de opções, opções essas que seguem uma escala nominal, em que cada uma tem um valor atribuído, de forma a que seja

perceptível que são categorias qualitativamente diferentes (Hill & Hill, 2005). Os 12 itens são divididos em motivos físicos (g – “quando está cansado”; f – “quando tem fome”; j – “quando está doente”), emocionais (b – “quando tem medo”; d – “quando está preocupado”; h – “quando está nervoso”; i – “quando está zangado”), de coação ou fuga (a – “para conseguir o que quer”; c – “para evitar ou fugir a algo que não quer fazer”), de atenção (e), durante as rotinas (k) ou sem motivo aparente (l). Esta última parte foi acrescentada ao questionário anterior, uma vez que no estudo das birras, também é relevante saber quais os motivos pelos quais as crianças fazem birras, sabendo-se, através da pesquisa efetuada, que assumem variados tipos. Os itens que compõem esta quarta parte, foram assim introduzidos depois da análise de outros estudos, assim sendo: o item a) baseou-se nos estudos de Daniels et al. (2012), Mireault et al. (2007) e Wakschlag et al. (2012); os itens c) e e) nos estudos de Daniels et al. (2012); os itens b), d) e h) nos estudos de Mireault et al. (2007); os itens f), j) e k) nos estudos de Wakschlag et al. (2012); e os itens g) e i) nos estudos de Mireault et al. (2007) e Wakschlag et al. (2012).

O questionário foi redigido de forma a que todos os inquiridos, independentemente do nível de escolaridade, o pudessem compreender. É importante salientar que as questões gerais e abertas figuram em 1º lugar, de modo a evitar que pudessem ser influenciadas por questões posteriores, fechadas e mais específicas. O número de questões também foi pensado, tendo sido um número considerado adequado para evitar saturação e a posterior não colaboração na investigação.

### **3. Procedimento**

A distribuição dos questionários foi feita no mês de Março e início do mês de Abril, no Colégio de Santa Maria da APPACDM de Coimbra, no Agrupamento de Escolas Verde Horizonte, em Mação e no Agrupamento de Escolas do Sardoal. Todos se demonstraram bastante colaborantes e interessados em conhecerem os resultados finais, dada a importância que o assunto tem nos dias de hoje e o quão pertinente revela ser. Atitude encontrada também no que diz respeito aos pais, aos quais foi entregue um consentimento informado e indicada a disponibilidade para esclarecimento de qualquer dúvida. Apesar do enorme interesse e colaboração demonstrada pela maioria dos inquiridos, e sendo que foram distribuídos, no total, 175 questionários, apenas 95 foram entregues, 5 dos quais foram anulados por falta de informação relevante.

### **4. Análise estatística**

Recorreu-se ao programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 20.0 para se proceder à análise estatística.

## IV - Resultados

### 1. Análise de conteúdo relativa à frequência das birras

A apresentação dos resultados, segue a ordem do questionário, sendo que, inicialmente será feita uma análise de conteúdo às perguntas de resposta aberta e, posteriormente, a análise estatística, com devida explicação, das restantes questões fechadas.

A análise de conteúdo (Amado, 2000) será utilizada nas questões abertas, uma vez que permite uma melhor compreensão das respostas obtidas, sendo a informação esquematizada em tabelas, e a sua análise descrita em seguida.

**Tabela 3**  
**Frequência das Birras**

	Muito frequente ≥90		Frequente 20-89		Pouco frequente <20		
	N	%	N	%	N	%	
	Idade	3	5	16,7	6	20,0	19
	4	8	26,7	12	40,0	10	33,3
	5	7	23,3	8	26,7	15	50,0

Na primeira questão, foi pedido aos pais que indicassem a frequência das birras nos últimos três meses, isto é, foi dito aos participantes para referirem um número, mais ou menos preciso. Desta forma, ao referirem que o seu filho(a), nos últimos três meses, fez birras todos os dias, pôde concluir-se que fez cerca de 90 birras, o mesmo sucedendo para os que faziam, uma vez por semana, duas vezes por dia, etc. Desta forma, a informação pôde ser melhor esquematizada, e os resultados são os apresentados em cima.

Analisando as respostas obtidas, e dado que a categoria principal seria a frequência, neste caso, as subcategorias foram definidas do seguinte modo: muito frequentes (igual ou acima das 90 birras – todos os dias ou mais do que uma vez por dia); frequentes (das 20 às 89 birras – mais de 7 vezes por mês ou quase todos os dias); e pouco frequentes (abaixo das 20 birras – 6 ou menos vezes por mês). Foi possível verificar (Tabela 3) que as birras tendem a ser mais características das idades mais elevadas, uma vez que, ao nível dos 3 anos, as birras são pouco frequentes (63,3% teve menos de 20 birras). Na faixa etária dos 4 anos, 26,7% das birras são muito frequentes e 40% das birras são frequentes. Ao nível dos 5 anos, 23,3% das birras são muito frequentes e 26,7% das birras são frequentes. Pode concluir-se, que a faixa etária dos 4 anos é a mais característica das birras, registando birras com mais frequência que os 3 e até que os 5 anos. Isto porque acima das 20 birras, a faixa etária dos 4 anos contabiliza 66,7% das crianças e a dos 5 anos (a mais idêntica a esta) contabiliza um resultado inferior, correspondendo exatamente a 50%.

## 2. Análise de conteúdo relativa às manifestações das birras

**Tabela 4**  
**Análise de conteúdo relativa às manifestações das birras**

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Exemplo	Contagem
Manifestações de Raiva	Agressividade Verbal	Chamar nomes	"chamou-me má"	1
		Agressividade Física Geral	Atirar-se para o chão	"atirou-se para o chão"
	Atirar coisas		"mandou o casaco para o chão"	4
	Bater com os pés no chão		"começou a bater com as mãos e os pés no chão"	3
	Agressividade Física dirigida a alguém	Dar pontapés	"mandou-me pontapés"	1
Manifestações de Angústia	Chorar	Chorar	"começou a chorar"	18
		Choramingar	"começou a choramingar"	2
	Gritar	Gritar	"começou a gritar"	8
	Envolvência Física	Agarrar-se a mim	"agarra-se a mim"	2
Manifestações de Isolamento	Amuar	Amuar	"amuou"	5
	Fuga	Fugir para outro sítio	"começou a fugir para não o apanhar"	3
Manifestações de Raiva	Agressividade Física	Atirar coisas	"atirou a roupa"	1
		Bater com os pés no chão	"batia com os pés no chão e na mesa"	1
	Agressividade Física dirigida a alguém	Empurrar	"chegou a empurra-lo"	1
Manifestações de Angústia	Chorar	Chorar	"chorou muito"	21
	Gritar	Gritar	"..e gritava"	7
Manifestações de Isolamento	Fuga	Fugir para outro sítio	"fugiu de mim"	6
	Amuar	Amuar	"ficou amuado"	3

**Tabela 4 (continuação)**  
**Análise de conteúdo relativa às manifestações das birras**

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Exemplo	Contagem
Manifestações de Raiva 5 anos	Agressividade Física Geral	Bater com os pés no chão	"começou a bater com os pés"	6
		Atirar-se para o chão	"deitou-se no chão"	2
		Atirar coisas	"atirar objetos"	1
		Espernear	"esperneou"	1
Manifestações de Raiva 5 anos	Agressividade Física dirigida a alguém	Empurrar	"acabou por me empurrar"	2
		Tentar bater	"ou vai para me bater"	1
Manifestações de Angústia 5 anos	Agressividade Verbal	Tratar mal	"diz que não é mais minha amiga"	1
	Chorar	Chorar	"chorou imenso"	18
		Choramingar	"..passam pelo choro silencioso"	2
	Gritar	Gritar	"começou a gritar"	7
Envolvência Física	Andar atrás de mim	"depois anda atrás de mim"	2	
Manifestações de Isolamento 5 anos	Amuar	Amuar	"ficou amuada"	6
	Fuga	Fugir para outro sítio	"vai para o quarto dele"	3

No que diz respeito à segunda questão aberta, esta pretende averiguar quais as manifestações mais frequentes tidas pelas crianças aquando um episódio de birra. Das respostas obtidas, foi feita uma leitura atenta a fim de conseguir retirar o máximo de informação pertinente para o assunto em questão. Uma vez que as questões abertas foram respondidas antes dos pais responderem às questões fechadas, previa-se que as respostas obtidas fossem diferentes das mencionadas no corpo do questionário.

Nas Tabela 4 anteriormente apresentada, fez-se a separação das manifestações que demonstrassem raiva, angústia e isolamento, uma vez que segundo Potegal, Kosorok e Davidson (2003), Potegal e Davidson (2003) e Potegal et al. (2009) os episódios de birra são todos aqueles que envolvam uma forte expressão das emoções. As principais emoções experienciadas são a raiva e a tristeza/angústia. Razão pela qual surge o Modelo Raiva-Angústia. A categoria isolamento foi introduzida pela visível necessidade disso aquando da análise dos resultados observados. Também a idade é um fator diferenciador importante e por isso contido na tabela.

Relativamente à faixa etária dos 3 anos, e como uma manifestação foi referida por mais do que um inquirido, foram obtidas 14 manifestações de raiva, 30 de angústia e 8 de isolamento. O que perfaz um total de 52 unidades

de contagem. As manifestações de angústia revelaram estar em maior número, com uma larga margem de diferença. Nas manifestações de raiva, as respostas mais obtidas foram o “atirar-se para o chão” com 5 respostas e o “atirar coisas” com 4. Nas manifestações de angústia, as mais mencionadas, foram “chorar” com 18 respostas e o “gritar” com 8 respostas. Nas manifestações de isolamento, destaca-se o “amuar” com 5 respostas. É perceptível pelos resultados obtidos que ao nível dos 3 anos, as manifestações tidas pelas crianças estão centradas em manifestações de angústia. De todas as manifestações, o “chorar” foi a mais mencionada, tendo obtido 18 respostas, com margem de 10 respostas para a segunda mais mencionada, “gritar” com 8 respostas.

Ao nível da faixa etária dos 4 anos, foram obtidas 28 manifestações de angústia, 9 relativamente às manifestações de isolamento e 3 no que diz respeito a manifestações de raiva. Tudo perfaz um total de 40 unidades de contagem. Pode-se constatar que as manifestações de angústia estão presentes na grande maioria das crianças/filhos dos inquiridos. “chorar” foi a manifestação mais frequente, tendo sido mencionada 21 vezes e “gritou” obteve 7 respostas. Nas manifestações de isolamento, “fugir para outro sítio” obteve 6 respostas e “amuar” teve 3 respostas. Nas manifestações de raiva, estas foram pouco mencionadas, já que “atirar objetos”, “bater com os pés” e “empurrar” obtiveram apenas 1 resposta cada um. Resumindo, constatou-se que “chorar” foi a manifestação mencionada espontaneamente mais frequente nas crianças de 4 anos aquando uma birra, sendo este um valor muito elevado (21) relativamente à segunda resposta mais frequente (7) obtida por outra manifestação de angústia, “gritar”. De ressaltar ainda que a diminuição da raiva é um dos dados mais importantes desta faixa etária.

Para concluir a análise de conteúdo das manifestações tidas pelas crianças aquando uma birra, falta analisar a faixa etária dos 5 anos. Nesta faixa etária foram obtidas 29 respostas nas diferentes manifestações de angústia, 14 respostas nas manifestações de raiva e 9 nas manifestações de isolamento. No total foram, obtidas 52 unidades de resposta. Também nesta faixa etária é possível constatar que as respostas mais frequentes foram ao nível das manifestações de angústia, visto que mais de metade das respostas obtidas foram a esse nível. Ressalva-se ainda um novo aumento das manifestações de raiva e um valor idêntico ao nível do isolamento. “Chorar” foi a manifestação recordista com 18 respostas que o mencionaram, em segundo lugar, também uma manifestação de angústia, “gritar” obteve 7 respostas e em terceiro lugar o “amuar”, uma manifestação de isolamento, com 6 respostas, encontrando-se ao mesmo nível que o “bater o pé”, a resposta mais frequente no que diz respeito às manifestações de raiva.

### **3. Análise de conteúdo relativa às estratégias parentais face às birras**

**Tabela 5**  
**Análise de conteúdo relativa às estratégias parentais**

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Exemplo	Contagem	
Estratégias Punitivas	Castigo	Retirar-lhe algo	"tiro o brinquedo"	1	
		Castigo	"castiguei-o"	1	
	Punição Verbal	Ralhar	"chamei-o à atenção"	4	
	3 anos	Punição Física	Dar-lhe uma palmada	"dei-lhe uma palmada"	1
Estratégias Não Punitivas	Explicação	Falar com ele/Explicar a situação	"expliquei-lhe porque não podia ser"	15	
	Acalmar	Tentar acalmá-lo	"tentei acalmá-lo"	8	
	3 anos	Compromisso	Levá-lo a aceitar a minha decisão	"chegámos a acordo"	5
	3 anos	Não ceder	Não lhe fazer a vontade	"não consegue o que quer"	3
Estratégias de Cedência	Acarinhar	Dar-lhe carinho	"peguei-lhe ao colo"	3	
	3 anos	Chantagem	Subornar	"subornando, lá vai comendo"	1
Estratégias de Ignorar	Ignorar	Ignorar	"digo que se entendam"	9	
3 anos					
Estratégias Punitivas	Castigo	Castigo	"atribuo-lhe um castigo"	3	
	4 anos	Punição Verbal	Ralhar com ele	"zango-me e aborreço-me"	1
			Obrigar a pedir desculpa	"..para pedir desculpa"	1
Estratégias Não Punitivas	Explicação	Explicar a situação/falar com ele"	"expliquei-lhe que só podia escolher um"	16	
	4 anos	Não ceder	Não lhe fazer a vontade	"não lhe comprei o brinquedo"	4
			Ameaçar	"se não comesse a sopa, ia dormir"	1
	4 anos	Acalmar	Tentar acalmar	"calmamente, tentei fazê-lo comer"	4
			Tentar distrair	"falei noutra ponto de interesse"	1
		Compromisso	Tentar perceber o lado dele	"tentar perceber o porquê de não querer fazer.."	1
	Levá-lo a aceitar a minha decisão		"disse-lhe que(...) levava o fato de galinha, o que não aconteceu"	1	



**Tabela 5 (continuação)**  
**Análise de conteúdo relativa às estratégias parentais**

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Exemplo	Contagem
Estratégias de Cedência	Ceder	Fazer-lhe a vontade	"dei-lhe a coisa para parar"	2
	4 anos	Acarinhar	Dar carinho	"abraçei-o"
Estratégias de Ignorar	Ignorar	Ignorar	"ignorei um pouco"	5
4 anos				
Estratégias Punitivas	Castigo	Dar-lhe um castigo	"meto-o de castigo"	1
	5 anos	Punição Verbal	Ralhar	"Ralhei (...) porque não podia fazer aquilo"
Estratégias Não Punitivas	Explicação	Falar com ele/explicar-lhe a situação	"tentei falar com ele"	18
		Tentar acalmá-lo	"tentei que se acalmasse"	7
	Acalmar	Tentar distrair	"fui com ele brincar"	2
		Deixar que se acalme	"depois com mais calma"	2
		Pedir para parar	"pedi-lhe que parasse"	1
	Não ceder	Não lhe fazer a vontade	"mantive a minha palavra e não lhe comprei o brinquedo"	4
		Chantagem	"se não tomares banho, não comes doces"	3
Estratégias de Ignorar	Ignorar	Ignorar	"ignorei um pouco"	8
5 anos				

Chegando à última questão aberta, esta tinha como objetivo fazer o levantamento das estratégias mais utilizadas pelos pais face a uma birra. As respostas foram bastante diversificadas, o que fez com que a sua análise tivesse de ser detalhada. Tal como foi referido na análise da segunda questão aberta, uma vez que as questões abertas foram respondidas anteriormente às questões fechadas esperava-se que as respostas fornecessem mais informação espontânea.

Na Tabela 5 apresentada anteriormente, fez-se a separação das

estratégias consoante se mostrassem ser punitivas, não punitivas, de cedência ou de ignorar. Fez-se esta separação depois da análise de vários estudos. Assim, no caso das estratégias de ignorar, apoiámo-nos em Mireault e Trahan (2007) que referem no seu estudo que os pais podem empregar uma das duas técnicas seguintes: isolar-se da criança; ou ignorá-la, concluindo que os pais optavam por acalmar a criança, dar-lhe um tempo limite para se acalmar e ensiná-la a manter a calma. Relativamente às estratégias não punitivas, apoiámo-nos nos estudos de Daniels, Mandleco e Luthy (2012), Goode (2007) que nos dizem que os pais devem tentar distrair as crianças, tentando que fiquem calmas, se for preciso ignorá-las, de forma a que se extingam, caso contrário, dar-lhes tempo para se acalmarem, antes de conversarem com elas, mas nunca cederem a uma birra, é importante fazê-la perceber que está errada e que aquele não será o melhor caminho para atingir os seus objetivos, e tentar com que se exprima calmamente. Potegal e Davidson (2003) também referem que os pais tinham como opção conversar com eles, impedi-los de fugirem ou tomarem algum comportamento mais brusco e darem-lhes tempo para se acalmarem.

No que diz respeito às estratégias punitivas, com base na revisão bibliográfica baseamo-nos no estudo de Bhatia et al (1990) que referem que os pais/cuidadores face a uma birra: atendem às necessidades da criança, abusam ou criticam a criança, impõem restrições físicas, isolam a criança por um período de tempo, raciocinam com a criança ou batem na criança. Para as estratégias de cedência baseamo-nos nos estudos de Potegal e Davidson (2003) que nos dizem que os pais, para resolver as birras dos seus filhos podem dar algum objeto à criança para esta se acalmar, ou darem o que elas queriam ou ainda fornecerem-lhe conforto e carinho. Também a idade foi fator diferenciador contido na tabela.

Na faixa etária dos 3 anos obteve-se 7 estratégias punitivas, 31 não punitivas, 4 de cedência e 9 de ignorar. Uma vez que cada inquirido poderia dar mais do que uma resposta, houve um total de 48 unidades de contagem. É clarividente que as estratégias não punitivas lideram o grupo das estratégias utilizadas pelos pais aquando uma birra do filho. Das 51 unidades de contagem obtidas, 15 dizem respeito a estratégia não punitiva ‘explicação’, de seguida com 9 respostas temos a estratégia ao nível do ‘ignorar’ e em terceiro lugar temos outra estratégia não punitiva ‘acalmar’ com 8 respostas.

Na faixa etária dos 4 anos, obteve-se 5 estratégias punitivas, 28 não punitivas, 4 de cedência e 5 de ignorar. Uma vez que cada um dos inquiridos referiu mais do que uma estratégia na resposta, foram obtidas 42 unidades de contagem. Dos 30 inquiridos 16 referiram a estratégia não punitiva ‘explicação’, tendo sido esta a estratégia mais utilizada, apresentando uma enorme margem para as segundas respostas mais frequentes, referidas por 5 dos inquiridos cada uma, que dizem respeito a uma estratégia de ‘ignorar’, e a duas não punitivas, ‘não ceder’ e ‘acalmar’. De notar que, também nesta faixa etária as estratégias não punitivas estão em maior número como a estratégia utilizada pelos pais face a uma birra. Também se nota um ligeiro aumento das estratégias punitivas, no que diz respeito ao ‘castigo’ e uma diminuição das estratégias de ‘ignorar’.

No que diz respeito à faixa etária dos 5 anos, existiram 4 estratégias punitivas, 37 não punitivas, 8 de ignorar e nenhuma resposta ao nível das estratégias de cedência. Foram contabilizadas 49 unidades de contagem. A estratégia mais frequentemente referida pelos inquiridos foi “explicação” (estratégia não punitiva) reportada 18 vezes, a segunda mais referida foi “acalmar” (estratégia não punitiva) reportada 12 vezes e “ignorar” (estratégia de ignorar) reportada 8 vezes. Ao nível desta faixa etária, as estratégias não punitivas continuam a ser as mais frequentemente referidas. Os resultados obtidos nesta faixa vão de encontro aos resultados obtidos na faixa dos 3 anos, dado que relativamente aos 4 anos, existe um aumento da utilização de estratégias de ignorar e uma diminuição (ainda que ligeira) das estratégias punitivas.

Concluindo, as estratégias não punitivas foram as mais frequentes em todas as faixas etárias. Em contraste, as estratégias de cedência foram as menos frequentes em todas as faixas etárias, não tendo sido reportadas na faixa etária dos 5 anos. As estratégias punitivas alcançaram resultados muito semelhantes em todas as faixas etárias.

Foi utilizado o SPSS- versão 20.0 para o tratamento estatístico dos dados, nomeadamente para a execução dos cálculos necessários para operacionalizar os objetivos deste estudo.

#### 4. Manifestações das birras

No que diz respeito às manifestações das birras (Tabela 6) registou-se a média, o desvio-padrão, o mínimo e o máximo de cada uma delas.

Os conteúdos itens que foram introduzidos pelos participantes no item "Outro comportamento" (Parte 2) não foram contabilizados na análise.

Tabela 6

Manifestações das birras				
Item	<i>M</i>	<i>DP</i>	Mínimo	Máximo
1. (...) grita	0,91	0,664	0	2
2. (...) chora	1,33	0,653	0	2
3. (...) pontapeia objetos	0,46	0,639	0	2
4. (...) isola-se	0,68	0,633	0	2
5. (...) diz palavrões	0,10	0,302	0	1
6. (...) choraminga	1,22	0,556	0	2
7. (...) magoa-se a si mesmo	0,08	0,308	0	2
8. (...) evita o contacto	0,54	0,564	0	2
9. (...) bate com os pés	0,71	0,691	0	2
10. (...) atira objetos	0,48	0,545	0	2
11. (...) "amua"	0,71	0,640	0	2
12. (...) bate nas pessoas	0,33	0,519	0	2
13. (...) discute com as pessoas	0,59	0,598	0	2

Tabela 6 (continuação)

Manifestações das birras				
Item	<i>M</i>	<i>DP</i>	Mínimo	Máximo
14. (...) agarra-se a mim a chorar	0,99	0,609	0	2
15. (...) atira-se para o chão	0,51	0,585	0	2

Tabela 7

Subcategorias das manifestações das birras				
Subcategoria	<i>M</i>	<i>DP</i>	Mínimo	Máximo
Raiva	0,41	0,338	0	1
Angústia	1,03	0,332	0	2
Isolamento	0,61	0,467	0	2

Com base nos resultados obtidos, as manifestações mais frequentes são “Chora” ( $M=1.33$ ;  $DP=0.653$ ), “Choramanga” ( $M = 1.22$ ;  $DP = 0.556$ ) e “Agarra-se a mim a chorar” ( $M = 0.99$ ;  $DP = 0.609$ ). As menos frequentes e menos manifestadas pelas crianças são “Diz palavrões” ( $M = 0.10$ ;  $DP = 0.302$ ), “Magoa-se a si mesmo” ( $M = 0.08$ ;  $DP = 0.308$ ) e “Bate nas pessoas” ( $M = 0.33$ ;  $DP = 0.519$ ). São vários os itens que apresentam grande variabilidade, uma vez que o desvio-padrão é superior à média, nomeadamente os itens 2, 5, 7, 8, 10, 12, 13 e 15.

Recordamos que os itens 3, 5, 7, 9, 10, 12, 13 e 15 dizem respeito à raiva, os itens 1, 2, 6, 11 e 14 dizem respeito à angústia e os itens 4 e 8 dizem respeito ao isolamento. Uma vez que o número de itens relativo a cada uma destas manifestações é desigual, não era possível estabelecer comparações entre elas. Por conseguinte, dividiu-se o total de cada manifestação pelo respetivo número de itens. Através da Tabela 7, pode-se verificar que a variável angústia é a mais frequente ( $M = 1,03$ ;  $DP = 0,332$ ) e a variável raiva a menos frequente ( $M = 0,41$ ;  $DP = 0,338$ ).

## 5. Estratégias parentais e birras

Relativamente às estratégias parentais face às birras (tabela 8), registou-se a média, o desvio-padrão, o mínimo e o máximo de cada uma das estratégias. Os conteúdos que foram introduzidos pelos participantes no item "Outro comportamento" (Parte 3) não foram contabilizados na análise dos resultados.

**Tabela 8**  
**Estratégias dos pais face a uma birra**

Variável	<i>M</i>	<i>DP</i>	Mínimo	Máximo
1. Espero que se acalme	3,72	1,122	1	5
2. Dou-lhe atenção	3,08	1,265	1	5
3. Deixo-o(a) no local	2,71	1,376	1	5
4. Envergonho-o(a)	1,87	1,182	1	5
5. Mantenho-me calmo(a)	3,93	1,036	1	5
6. Ceddo	1,51	0,951	1	5
7. Levo-o a aceitar o meu ponto de vista	3,81	1,004	1	5
8. Ralho com ele(a)	3,47	1,083	1	5
9. Prevenir	3,23	1,264	1	5
10. Palmadas	2,04	1,151	1	5
11. Conversar a sós	3,88	1,015	1	5
12. Digo-lhe que não gosto dele(a)	1,53	1,073	1	5
13. Tento perceber	4,00	1,102	1	5
14. Ameaço-o(a)	2,17	1,265	1	5
15. Explico-lhe	4,28	0,948	2	5
16. Tento "suborná-lo(a)"	1,88	1,090	1	5
17. Obrigoo(a) a pedir desculpa	3,91	1,177	1	5
18. Distraí-o(a)	3,21	1,156	1	5
19. Dou-lhe carinho	2,98	1,324	1	5
20. Ignoro-o(a)	2,81	1,373	1	5

**Tabela 9**  
**Subcategorias das estratégias dos pais**

Subcategoria	<i>M</i>	<i>DP</i>	Mínimo	Máximo
Punitivas	2,51	0,719	1	5
Não Punitivas	3,76	0,557	2	5
Ignorar	2,77	1,127	1	5
Cedência	2,36	0,753	1	5

Analisando os resultados obtidos, as estratégias mais frequentes são "Mantenho-me calmo(a)" ( $M = 3.93$ ;  $DP = 1.036$ ), "Tento perceber" ( $M = 4$ ;  $DP = 1.102$ ) e "Explico-lhe" ( $M = 4.28$ ;  $DP = 0.948$ ). As menos frequentes são "Envergonho-o(a)" ( $M = 1.87$ ;  $DP = 1.182$ ), "Cedo" ( $M = 1.51$ ;  $DP = 0.951$ ) e "Digo-lhe que não gosto dele(a)" ( $M = 1.53$ ;  $DP = 1.073$ ).

Os itens 1, 5, 7, 9, 11, 12, 15 e 18 são relativos a estratégias não punitivas, os itens 4, 8, 10, 12, 14 e 17 referem-se a estratégias punitivas, os itens 2, 6, 16 e 19 dizem respeito à cedência e os itens 3 e 20 dizem respeito ao ignorar. Face ao número díspar de itens de cada subcategoria, e tal como

mencionado em relação às subcategorias das manifestações das birras, não era possível comparar diretamente os respectivos resultados. Repetindo o procedimento descrito para a obtenção dos resultados constantes da Tabela 7, e através da análise da Tabela 9 pode constatar-se que as estratégias não punitivas são as mais frequentes ( $M = 3,76$ ;  $DP = 0,557$ ) e as estratégias menos frequentes são as de cedência ( $M = 2,36$ ;  $DP = 0,753$ ).

## 6. Motivos das birras

No que concerne aos motivos das birras, registou-se a frequência e percentagem de cada um dos itens, consoante foram indicados no 1º, 2º e 3º motivo, conforme se pode verificar na tabela seguinte (Tabela 10).

**Tabela 10**  
**Motivos das birras**

Item	1º Motivo		2º Motivo		3º Motivo	
	N	%	N	%	N	%
a. Para conseguir o que quer	37	41,1	18	20,0	13	14,4
b. Quando tem medo	0	0	2	2,2	5	5,6
c. Para evitar ou fugir de algo	7	7,8	8	8,9	12	13,3
d. Quando está preocupado	0	0	0	0	1	1,1
e. Para ter atenção	5	5,6	15	16,7	6	6,7
f. Quando tem fome	1	1,1	1	1,1	0	0
g. Quando está cansado	20	22,2	17	18,9	9	10,0
h. Quando está nervoso	0	0	2	2,2	2	2,2
i. Quando está zangado	2	2,2	10	11,1	12	13,3
j. Quando está doente	2	2,2	2	2,2	10	11,1
k. Durante a rotina diária	16	17,8	15	16,7	13	14,4
l. Sem motivo aparente	0	0	0	0	7	7,8

**Tabela 11**  
**Subcategorias dos motivos das birras**

Subcategoria	<i>M</i>	<i>DP</i>	Mínimo	Máximo
Físicos	0,69	0,664	0	3
Emocionais	0,40	0,557	0	2
Coação/Fuga	1,06	0,527	0	2
Atenção	0,29	0,456	0	1
Rotinas	0,49	0,503	0	1
Sem motivo	0,08	0,269	0	1

Analisando a Tabela 10 pode constatar-se que para o primeiro motivo mencionado, os mais mencionados foram “Para conseguir o que quer” (41,1%), “Quando está cansado” (22,2%) e “Durante a rotina diária”

(17,8%); ‘‘Quando tem medo’’, ‘‘Quando está preocupado’’, ‘‘Quando está nervoso’’ e ‘‘Sem motivo’’ não foram mencionados uma única vez. Para o segundo motivo, tem-se como os mais mencionados ‘‘Para conseguir o que quer’’ (20,0%) e ‘‘Quando está cansado’’ (18,7); ‘‘Quando está preocupado’’ e ‘‘Sem motivo’’ não obtiveram qualquer registo. No terceiro e último motivo, os mais mencionados foram ‘‘Para conseguir o que quer’’ e ‘‘Durante a rotina diária’’ (14,4%, ambos); ‘‘Quando tem fome’’ não obteve qualquer registo. Em relação ao primeiro e ao segundo motivos, pode verificar-se uma similaridade de resultados.

Recorda-se que os itens g), f) e j) dizem respeito a motivos físicos, os itens b), d), h) e i) a motivos emocionais, os itens a) e c) dizem respeito a motivos de coação ou fugir, o item e) a motivos de atenção, o item k) a motivos relacionados com a rotina e o item l) aos sem motivo. Atribuindo o valor de 1 a cada um dos motivos, independentemente de ser o 1º, 2º ou 3º motivo, os motivos mais frequentes são os respeitantes à coação/fuga ( $M = 1,06$ ;  $DP = 0,527$ ) e os menos frequentes são os que dizem respeito aos sem motivo ( $M = 0,08$ ;  $DP = 0,269$ ).

Existe grande variabilidade em todas as subcategorias, dado que o desvio-padrão é superior à média em praticamente todas elas, excetuando os motivos físicos e aos motivos por coação/fuga.

## 7. Comparação das manifestações em função do género e idade das crianças

Para se proceder à comparação das manifestações em função do género utilizou-se o teste *t-student* para amostras independentes (Tabela 12) e em função da idade das crianças utilizou-se o teste ANOVA (Tabela 13).

**Tabela 12**  
**Manifestações das birras em função do género**

Variável	Género	N	M	DP	<i>t-student</i>		
					t	gl	Sig
Raiva	Masculino	46	3,59	2,646	1,193	88	0,236
	Feminino	44	2,91	2,743			
Angústia	Masculino	46	5,24	1,537	0,551	88	0,583
	Feminino	44	5,05	1,791			
Isolamento	Masculino	46	1,46	0,887	2,506	88	0,014*
	Feminino	44	0,98	0,927			

\*p < 0,05

**Tabela 13**  
**Manifestações das birras e idade das crianças**

Variável	Idade	N	M	DP	ANOVA		
					F	gl	Sig
Raiva	3	30	3,70	2,602	0,719	2	0,490
	4	30	3,20	2,188			
	5	30	2,87	3,235			
Angústia	3	30	5,77	1,547	4,466	2	0,014*
	4	30	5,13	1,332			
	5	30	4,53	1,871			
Isolamento	3	30	1,23	0,935	0,238	2	0,789
	4	30	1,13	0,973			
	5	30	1,30	0,915			

\*p <0,05

Em função do género (Tabela 12), verificou-se que todas as variáveis, raiva, angústia e isolamento são mais frequentes no género masculino (raiva:  $M = 3,59$ ;  $DP = 2,646$ ; angústia:  $M = 5,24$ ;  $DP = 1,537$ ; isolamento:  $M = 1,46$ ;  $DP = 0,887$ ) e que há diferenças estatisticamente significativas relativamente ao isolamento.

No que diz respeito à idade das crianças (Tabela 13), verificou-se que a raiva e a angústia têm resultados semelhantes, na medida em que são mais frequentes nos 3 anos (raiva:  $M = 3,70$ ;  $DP = 2,602$ ; angústia:  $M = 5,77$ ;  $DP = 1,547$ ) e menos frequentes nos 5 anos (raiva:  $M = 2,87$ ;  $DP = 3,235$ ; angústia:  $M = 4,53$ ;  $DP = 1,871$ ). No que diz respeito ao isolamento, este é mais frequente nos 5 anos ( $M = 1,30$ ;  $DP = 0,915$ ) e menos frequente nos 4 anos ( $M = 1,13$ ;  $DP = 0,973$ ).

Existem diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à variável angústia. Uma vez que existe homogeneidade das variâncias, que as dimensões dos grupos a comparar são iguais e que as variâncias populacionais são semelhantes, optou-se por utilizar o teste *Post Hoc de Tukey (HSD)* para verificar onde se situam as diferenças estatisticamente significativas (Wilcox, 2003). Assim sendo, foi possível verificar que as diferenças significativas se situam entre os 3 e os 5 anos ( $p = 0,010$ ,  $p < 0,05$ ).

## **8. Influência do tipo de família nas manifestações das birras das crianças**

A fim de se analisar a influência desta variável, agruparam-se as famílias em duas categorias: nucleares e monoparentais. Através da aplicação do teste de Shapiro-Wilk (SW) foi possível verificar que as distribuições nas manifestações das birras em função do tipo de família, não seguem uma distribuição normal, como se pode verificar na Tabela 14. Deste modo, por não se verificar o pressuposto da normalidade, optou-se pela utilização do teste não paramétrico Mann-Whitney (Tabela 15) para verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas.



**Tabela 14**  
**Resultados do teste Shapiro-Wilk**

Subcategoria	Tipo de família	SW	$p$
Raiva	Nuclear	0,900	0,000
	Monoparental	0,847	0,020
Angústia	Nuclear	0,945	0,002
	Monoparental	0,899	0,108
Isolamento	Nuclear	0,856	0,000
	Monoparental	0,798	0,005

**Tabela 15**  
**Influência do tipo de família nas manifestações das birras das crianças**

Variável	Tipo de Família	N	M	DP	Mann-Whitney		
					U	z	$p$
Raiva	Nuclear	76	3,36	2,760	453,500	-0,883	0,377
	Monoparental	14	2,71	2,367			
Angústia	Nuclear	76	5,18	1,703	480,000	-0,590	0,555
	Monoparental	14	4,93	1,439			
Isolamento	Nuclear	76	1,22	0,961	529,500	-0,029	0,977
	Monoparental	14	1,21	0,802			

Verificou-se que as manifestações de raiva são mais frequentes nas famílias nucleares ( $M = 3,36$ ;  $DP = 2,760$ ) assim como as manifestações de angústia que são do mesmo modo mais frequentes neste tipo de famílias ( $M = 5,18$ ;  $DP = 1,703$ ). Respeitante às manifestações de isolamento, estas são similares nos dois tipos de família.

Não existem diferenças estatisticamente significativas nas manifestações das birras no que concerne à influência do tipo de família.

## 9. Comparação das estratégias utilizadas pelos pais face a uma birra em função do género e da idade das crianças

Para se proceder à comparação das estratégias utilizadas pelos pais face a uma birra em função do género utilizou-se o teste *t-student* para amostras independentes (Tabela 16) e em função da idade das crianças utilizou-se o teste *ANOVA* (Tabela 17).

**Tabela 16**  
**Estratégias dos pais face a uma birra em função do género**

Variável	Género	N	M	DP	t-student		
					t	gl	Sig
Não punitivas	Masculino	46	29,28	4,375	1,752	88	0,083
	Feminino	44	30,91	4,429			
Ignorar	Masculino	46	6,07	1,971	2,346	88	0,021*
	Feminino	44	4,98	2,416			
Punitivas	Masculino	46	15,50	4,226	1,050	88	0,297
	Feminino	44	14,55	4,401			
Cedência	Masculino	46	8,85	3,259	1,950	88	0,054
	Feminino	44	10,07	2,627			

\*p <0,05

**Tabela 17**  
**Estratégias dos pais face a uma birra em função da idade das crianças**

Variável	Idade	N	M	DP	ANOVA		
					F	gl	Sig
Não punitivas	3	30	30,47	3,954	0,807	2	0,449
	4	30	29,23	4,224			
	5	30	30,53	5,124			
Ignorar	3	30	5,23	2,029	0,591	2	0,556
	4	30	5,50	1,925			
	5	30	5,87	2,751			
Punitivas	3	30	14,77	4,776	0,339	2	0,714
	4	30	15,57	4,747			
	5	30	14,77	3,370			
Cedência	3	30	9,40	2,943	0,008	2	0,992
	4	30	9,50	2,838			
	5	30	9,43	3,339			

Relativamente ao género, verificou-se que as estratégias de cedência e não punitivas são mais frequentes no género feminino (cedência:  $M = 10,07$ ;  $DP = 2,627$ ; não punitivas:  $M = 30,91$ ;  $DP = 4,429$ ) e as estratégias punitivas e de ignorar são mais frequentes no género masculino (punitivas:  $M = 15,50$ ;  $DP = 4,226$ ; ignorar:  $M = 6,07$ ;  $DP = 1,971$ ). Existem diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito às estratégias não punitivas e uma diferença muito próxima da significância nas estratégias de cedência.

Relativamente à idade das crianças, verificou-se que há uma grande similitude dos valores em todas as idades no que diz respeito às estratégias não punitivas, às estratégias de ignorar e às estratégias de cedência.

Relativamente às estratégias punitivas, estas são mais frequentes nos 4 anos ( $M = 15,57$ ;  $DP = 4,747$ ) do que nos 5 e 3 anos ( $M = 14,77$ ). Não há diferenças estatisticamente significativas.

#### 10. Influência do tipo de família nas estratégias utilizadas pelos pais face a uma birra

Aplicando o teste de Shapiro-Wilk (SW) verificou-se que algumas das distribuições nas estratégias utilizadas pelos pais face a uma birra, em função do tipo de família, não seguem uma distribuição normal, como se pode verificar na Tabela 18. Deste modo, utilizou-se o teste *t-student* ou Mann-Whitney, consoante se verificava ou não uma distribuição normal, a fim de verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas a este nível.

**Tabela 18**  
Resultados do teste Shapiro-Wilk

Subcategoria	Tipo de família	SW	<i>p</i>
Não Punitivas	Nuclear	0,982	0,353
	Monoparental	0,921	0,230
Ignorar	Nuclear	0,938	0,001
	Monoparental	0,903	0,126
Punitivas	Nuclear	0,968	0,053
	Monoparental	0,932	0,325
Cedência	Nuclear	0,957	0,012
	Monoparental	0,949	0,552

**Tabela 19**  
Influência do tipo de família nas estratégias dos pais

Variável	Tipo de Família	N	M	DP	<i>t-student</i> /Mann-Whitney		
					t/U	gl/Z	Sig/p
Não Punitivas <sup>a</sup>	Nuclear	76	29,80	4,540	-1,853	78	0,068
	Monoparental	14	31,57	3,736			
Ignorar	Nuclear	76	5,61	2,339	450,500	-0,918	0,359
	Monoparental	14	5,14	1,748			
Punitivas <sup>a</sup>	Nuclear	76	15,43	4,434	1,873	78	0,065
	Monoparental	14	12,86	2,825			
Cedência	Nuclear	76	9,42	3,125	503,000	-0,325	0,745
	Monoparental	14	9,57	2,409			

<sup>a</sup>t-student

Verificou-se que as estratégias não punitivas são mais frequentes nas famílias monoparentais ( $M = 31,57$ ;  $DP = 3,736$ ), enquanto que as estratégias punitivas são mais frequentes nas famílias nucleares ( $M = 15,43$ ;  $DP = 4,434$ ). As outras subcategorias de estratégias apresentam valores muito semelhantes nos dois tipos de famílias.

Através do teste *t-student* verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito às estratégias punitivas.

### 11. Comparação dos motivos pelos quais as crianças fazem birra em função do género e da idade da criança

Para se proceder à comparação dos motivos pelos quais as crianças fazem birra em função do género, utilizou-se o teste *t-student* para amostras independentes (Tabela 20) e em função da idade da criança, utilizou-se teste *ANOVA* (Tabela 21).

**Tabela 20**  
**Motivos das birras em função do género**

Variável	Género	N	M	DP	t-student		
					t	gl	Sig
Físicos	Masculino	46	0,72	0,720	0,414	88	0,680
	Feminino	44	0,66	0,608			
Emocionais	Masculino	46	0,39	0,577	-0,151	88	0,881
	Feminino	44	0,41	0,542			
Coação/Fugir	Masculino	46	1,11	0,567	0,981	88	0,331
	Feminino	44	1,00	0,482			
Atenção	Masculino	46	0,28	0,455	-0,133	88	0,895
	Feminino	44	0,30	0,462			
Rotinas	Masculino	46	0,37	0,488	-2,361	88	0,020*
	Feminino	44	0,61	0,493			
Sem motivo	Masculino	46	0,13	0,341	1,925	88	0,057
	Feminino	44	0,02	0,151			

\*p <0,05

**Tabela 21**  
**Motivos das birras em função da idade das crianças**

Variável	Idade	N	M	DP	ANOVA		
					F	gl	Sig
Físicos	3	30	0,63	0,615	0,173	2	0,841
	4	30	0,73	0,740			
	5	30	0,70	0,651			
Emocionais	3	30	0,33	0,547	3,155	2	0,048*
	4	30	0,27	0,450			
	5	30	0,60	0,621			
Coação/Fugir	3	30	1,17	0,531	2,133	3	0,125
	4	30	1,10	0,548			
	5	30	0,90	0,481			
Atenção	3	30	0,27	0,450	0,210	2	0,811
	4	30	0,27	0,450			
	5	30	0,33	0,479			
Rotinas	3	30	0,47	0,507	0,566	2	0,570
	4	30	0,57	0,504			
	5	30	0,43	0,504			

**Tabela 21 (continuação)**  
**Motivos das birras em função da idade das crianças**

Variável	Idade	N	M	DP	ANOVA		
					F	gl	Sig.
Sem motivo	3	30	0,13	0,346	1,074	2	0,346
	4	30	0,07	0,254			
	5	30	0,03	0,183			

\*p <0,05

No que diz respeito aos motivos das birras em função do género, verificou-se que os valores são muito semelhantes, excetuando-se apenas os motivos por rotinas que apresentam valores discrepantes entre o masculino ( $M = 0,37$ ;  $DP = 0,488$ ) e o feminino ( $M = 0,61$ ;  $DP = 0,493$ ). Daí que a única diferença estatisticamente significativa se situe ao nível dos motivos por rotinas. Motivos estes que se prendem com as rotinas diárias que a criança enfrenta, como o comer, o vestir e o dormir.

Em função da idade da criança, também se verificou a existência de valores muito semelhantes e próximos entre si. De entre todos, os motivos emocionais são os que apresentam alguma diferença entre idades, destacando-se uma frequência mais elevada aos 5 anos ( $M = 0,60$ ;  $DP = 0,621$ ).

Existem diferenças estatisticamente significativas, como se preveria, ao nível dos motivos emocionais. Lembra-se que estes prendem-se essencialmente com as situações nas quais as crianças sentem medo ou se sentem preocupadas, nervosas ou zangadas.

No entanto através do teste *Post Hoc de Tukey (HSD)* não foram encontradas diferenças significativas, o valor mais aproximado encontra-se entre os 4 e os 5 anos ( $p = 0,051$ ). Como este teste, sendo *Post Hoc de Tukey (HSD)* se prevê como mais fraco, por ser mais conservador (apresentam menos poder de detetar verdadeiras diferenças), e pelo facto de não rejeitar a hipótese inicial de que as médias dos grupos são iguais, e como foram utilizados, anteriormente, meios específicos relevantes e fortes, considera-se a diferença estatisticamente significativa, ao nível da ANOVA ( $p = 0,048$ ).

## 12. Correlações entre as manifestações das birras e as estratégias parentais

Para proceder às correlações acima mencionadas, utilizou-se o coeficiente de *Pearson* (Tabela 21).

**Tabela 21**  
**Correlações entre as manifestações das birras e as estratégias parentais**

	Não punitivas	Ignorar	Punitivas	Cedência
Raiva	-0,04	0,077	0,306*	-0,003
Angústia	-0,126	-0,138	0,111	0,072
Isolamento	-0,053	0,119	0,113	-0,191**

\*p <0,01 \*\*p <0,05

Pela análise da Tabela 21, pode constatar-se que todas as correlações são baixas e não significativas, sendo que apenas se destacam duas correlações estatisticamente significativas. Existe uma correlação estatisticamente significativa entre as manifestações de raiva e as estratégias punitivas e uma correlação negativa estatisticamente significativa entre as manifestações de isolamento e as estratégias de cedência. Segundo Marôco (2014), ambas as correlações são fracas/baixas.

## V – Discussão

Apresentados os resultados na última seção, é agora vez de os analisar à luz das referências teóricas apresentadas na primeira seção.

O Questionário das Birras administrado aos participantes é constituído por uma primeira parte que contém três questões abertas, a primeira diz respeito à frequência com que as birras acontecem que é um dos objetivos específicos do estudo. Assim sendo verificou-se através da análise dos resultados que na generalidade as birras continuam a ocorrer com muita frequência, as respostas ao nível do  *muito frequente* (mais de uma birra por dia) e  *frequente* (entre vinte a noventa birras nos últimos três meses) alcançaram um número elevado. Foi a faixa etária dos quatro anos a que obteve resultados superiores, sendo assim a faixa etária mais característica da ocorrência de birras.

A elevada frequência das birras entre os três e os cinco anos pode ser explicada pela falta de léxico estruturado, levando muito mais facilmente a criança a explosões, fazendo com que as birras aconteçam com mais frequência (Cordeiro, 2011, Giesbrecht et al., 2010, Koch, 2003 & Queirós et al., 2003). Potegal, Kosorok e Davidson (2003) e Potegal et al (2009), constataram que entre os três e os quatro anos, as crianças têm birras, na sua maioria, uma vez por dia. O que também é verificado por Mireault e Trahan (2007) que refere que uma elevada percentagem das birras ocorria  *muitas vezes*; cerca de metade referiu que as birras eram  *diárias* e outra metade que as birras ocorriam  *semanalmente*. Ramalho (2006) e Daniels et al. (2012) dizem-nos que as birras manifestam-se frequentemente até aos três anos, e que a partir dessa idade as birras começam a ser menos frequentes. Ainda assim, há autores que nos seus estudos verificaram que as birras são características das birras entre o primeiro e o quarto ano de vida aumentando um pouco o limite de idade. (Bath, 1994; Bhatia et al, 1990; Belden, Thomson & Luby, 2007; Daniels, 2012; Potegal & Davidson, 2003).

Relativamente ao objetivo específico das manifestações das crianças no decurso de uma birra, pode constatar-se que as manifestações de angústia são as mais frequentes, e as manifestações de raiva e isolamento não apresentam muita variância entre si, no entanto as manifestações de raiva tiveram valores ligeiramente mais baixos. Green et al. (2011) e Solter (1992) remete-nos para a questão da diferença de energia que existe as manifestações de angústia e as de raiva. Posto isto, nas manifestações de raiva é libertada mais energia, é exigido mais esforço e as vocalizações são mais extensas. Nas manifestações de angústia é gasta menos energia, logo menos esforço e as vocalizações são curtas, algumas nem chegam a ser perceptíveis. Como se está a avaliar uma faixa etária baixa, entre os três e os cinco anos, e esta é característica de limites linguísticos e de expressão, característicos da própria infância (Bath, 1994; Cordeiro, 2011; Daniels et al., 2012; Koch, 2003; Osterman & Bjorkqvist, 2010; Solter, 1992) compreende-se que as manifestações de angústia sejam mais frequentes por exigirem menos esforço, e por as vocalizações serem curtas ou inexistentes.

Pôde verificar-se que chorar foi a manifestação mais tida pelas crianças

no decurso de uma birra, seguindo o choramingar e o agarrar-se à figura parental. Todas dizem respeito a manifestações de angústia, que conforme mencionado anteriormente foram as mais frequentes. Estes resultados são confirmados pela maioria das propostas dos autores estudados, Green et al. (2011) e Solter (1992) descrevem o chorar, o choramingar, o gritar, o berrar como os comportamentos mais comuns adotados pelas crianças durante as birras. Também nos estudos de Potegal e Davidson (2003) e Potegal, Kosorok e Davidson (2003), se concluiu que chorar era a expressão vocal mais frequente. Gritar e berrar ocorreram em quase metade dos casos e choramingar surgiu como terceira mais frequente. Potegal e Davidson (2003) referem ainda o agarrar-se à perna do pai/mãe como um dos comportamentos mais tidos pelas crianças no decurso de uma birra. O que foi concordante com os resultados do presente estudo. Na angústia é gasta menos energia, logo menos esforço e as vocalizações são curtas, algumas nem chegam a ser perceptíveis. Por isso, o chorar ajuda a criança a controlar a frustração e a diminuir as possíveis explosões violentas

Por contrário, as manifestações menos frequentes foram a criança magoar-se a si mesma, seguido do dizer palavrões e posteriormente do bater nas pessoas. Todas elas manifestações de raiva, que foram as menos frequentes no pré-escolar. Oesterman e Bjorkqvist (2010) referem que a violência verbal não é normalmente usada pelas crianças, o que pode ser explicado pela reduzida linguagem expressiva, relativamente à receptiva.

As manifestações de angústia e raiva revelaram-se mais frequentes na faixa etária dos três anos, existindo diferenças estatisticamente significativas ao nível das manifestações de angústia entre as faixas etárias dos três e dos cinco anos. Verificou-se que as manifestações de angústia e raiva diminuem com o aumento da faixa etária, e as manifestações de isolamento oscilam, descem nos quatro anos e aumentam nos cinco anos. Novamente aqui os limites linguísticos, bem como a tolerância à frustração, a capacidade para resolver problemas e a interiorização das regras sociais estão patentes (Cordeiro, 2011). Ao nível dos três anos estes limites linguísticos são característicos, mais do que em idades superiores, neste caso, os cinco anos, as competências linguísticas não acompanham as competências sócio-afetivas (Bath, 1994; Daniels et al., 2012; Goode, 2007; Oesterman & Bjorkqvist, 2010; Solter, 1992). Ao nível de aquisição de competências de tolerância, resolução de problemas e regras sociais, também estão se demonstram ser características das idades mais elevadas, sendo por isso de prever que as manifestações de raiva e angústia sejam mais frequentes na faixa etária dos três anos.

No que diz respeito ao género da criança, constatou-se que todas as subcategorias das manifestações são mais frequentes no sexo masculino, existindo diferenças estatisticamente significativas ao nível das manifestações de isolamento. Em relação ao tipo de família, as manifestações de raiva e de angústia são mais frequentes nas famílias nucleares.

De seguida, no objetivo específico das estratégias utilizadas pelos pais face a uma birra, foi possível verificar que as estratégias não punitivas são as mais frequentes. As estratégias de cedência foram as menos utilizadas pelos pais. As estratégias punitivas e as estratégias de ignorar não diferiram muito



entre si, tendo obtido valores semelhantes. As estratégias mais frequentemente utilizadas pelos pais face a uma birra, foram o manter a calma, tentar perceber o lado da criança e dar-lhe razão, caso esta a tenha e explicar-lhe que não voltarão à atividade que estavam a desenvolver enquanto a criança não se acalmar. Todas estas estratégias dizem respeito a estratégias não punitivas.

À semelhança dos resultados do presente estudo, Cordeiro (2011) menciona o quão importante é manter a calma durante uma birra, levar a criança para um local onde se possa conversar à vontade, dizer-lhe que gostamos dela, mas explicar-lhe que o seu comportamento não está a ser correto, dar-lhe tempo para ela própria se acalmar e, também muito importante, dar-lhe razão, sempre que esta a tiver, explicando-lhe que apesar de ter razão não pode reagir assim. Estratégias igualmente mencionadas nos resultados dos estudos de Daniels et al. (2011), Koch (2003), Mireault & Trahan (2007), Potegal & Davidson (2003), Urra (2007) e Wakschlag (2012).

As estratégias menos frequentes são o envergonhar a criança perante os outros salientando o seu comportamento, dar-lhe o que a criança quer para evitar que a birra continue e dizer-lhe que não gosta dele(a). Sendo que dar à criança o que ela quer diz respeito às estratégias de cedência e as outras duas às estratégias punitivas. É necessário que os pais saibam impor limites, regras e definir consequências para comportamentos inadequados, mas também saber ser flexível em algumas situações. Quando em alguma situação for necessário dizer não, este deve ser dito, pois, como nos diz Cordeiro (2011), Ramalho (2006) e Urra (2007) não se deve ceder a uma birra e dar à criança tudo o que ela quer. Se se der à criança o que ela quer, está a reforçar-se a birra e a permitir que ela volte a repeti-la, mesmo que naquele instante resulte, não vai resultar a longo prazo.

Para Goode (2007) é importante fazer com que a criança perceba que está errada e que aquele não será o melhor caminho para atingir os seus objetivos, e tentar com que se exprima calmamente. E não esquecer que apesar de o comportamento ser punível, se continua a gostar da criança e portanto há que lhes dar conforto suficiente para que percebam isso. Posto, isto no que diz respeito ao presente estudo, torna-se claro que os pais das crianças avaliadas mantêm estratégias que se consideram adequadas, segundo a revisão da literatura.

Relacionando as estratégias com a idade, as estratégias punitivas são mais frequentes na faixa etária dos quatro anos, as restantes estratégias, punitivas, de ignorar e de cedência obtiveram resultados similares em todas as faixas etárias. De ressaltar que à exceção das estratégias de ignorar, que vão aumentando com o aumento da idade, as outras estratégias apresentam oscilações. Importa salientar que a faixa etária dos três e a dos cinco anos apresentam resultados semelhantes e que há um aumento das estratégias de ignorar e uma diminuição das estratégias punitivas dos quatro para os cinco anos. No que diz respeito ao género, verificou-se que as estratégias não punitivas e de cedência são mais frequentemente utilizadas pelos pais no género feminino, em contrapartida, as estratégias punitivas e de ignorar são mais utilizadas no género masculino. Existindo diferenças estatisticamente significativas nas estratégias não punitivas. Relativamente ao tipo de família,

as estratégias não punitivas e de cedência, estão mais frequentemente relacionadas com as famílias monoparentais, enquanto que as estratégias de ignorar e as punitivas estão frequentemente interligadas com as famílias nucleares.

Os motivos pelos quais as crianças fazem birras também foram um dos objetivos específicos do presente estudo. A questão abordou-se de forma a que identificassem os três principais motivos pelos quais a criança faz birra, assim sendo para primeiro motivo pelos quais as crianças fazem birras, constatou-se que as crianças fazem birras para conseguirem o que querem, quando estão cansadas e durante a rotina diária, como vestir, dormir e comer. No segundo motivo foram identificados maioritariamente os mesmos motivos anteriormente mencionados, acrescentando outro motivo que está relacionado com o objetivo de a criança ter atenção. Por último, no terceiro motivo, manteve-se o facto de fazerem birras para ter conseguirem o que querem, durante a rotina diária, acrescentando duas razões como quando está zangado ou para evitar ou fugir de algo que não quer fazer.

Os resultados do presente estudo vão de encontro aos frequentemente referidos pela maioria dos autores, constatando estes que as birras, frequentemente, ocorrem na hora da refeição, na hora do vestir, quando tem sono, quando tem fome, quando está cansada, quando está frustrada e com raiva, quando tem medo, quando a rotina é alterada ou quando quer muito uma coisa e não perceber porque não pode tê-la (Cordeiro, 2011; Daniels et al., 2011; Koch, 2003; Mireault & Trahan, 2007; Solter, 1992; Wakschlag et al., 2012). Na opinião de Gouveia (2009) reforçada através do seu livro, as crianças recorrem às birras para chamar a atenção sobre si, ou quando já dominam a linguagem falada, competência adquirida a partir dos três anos, como forma de obterem o que querem e de manipular o adulto. As birras, como pode constatar-se, ocorrem frequentemente em situações onde a criança possa estar menos lúcida, menos consciente e mais vulnerável.

Relativamente às subcategorias pode-se verificar que os motivos relacionados com a coação e a fuga são os mais frequentes e aparentemente, um número reduzido de crianças faz birras sem motivo aparente. À exceção dos motivos por rotinas, relacionado com as birras durante a rotina diária, que apresentam valores discrepantes entre os dois géneros, todos os outros motivos não revelam diferenças estatisticamente significativas, pelo contrário, existe muita similaridade entre eles. No que diz respeito à idade, existe, igualmente, muita semelhança de valores. Apenas é relevante a indicação que os motivos emocionais, ligados a birras quando está zangado, preocupado, nervoso ou com medo, apresenta diferenças significativas entre faixas etárias.

Por fim, a correlação entre as manifestações tidas pelas crianças no decurso de uma birra e as estratégias parentais utilizadas face a essa birra revelou algumas diferenças estatisticamente significativas. Essas diferenças foram encontradas entre as manifestações de raiva e as estratégias punitivas. É importante referir que se a agressividade está presente nas manifestações das birras, deve-se ao facto das crianças nos primeiros anos de vida, ainda estarem numa fase instintiva do comportamento e ainda não terem o discernimento de perceber que podem optar por outros meios que não a

agressão. Mas cabe aos pais atuar rapidamente, no sentido de minimizar estes comportamentos, promovendo a autorregulação (Cordeiro, 2011). Ameaçar, rotular, culpar, chantagear ou mesmo envergonhar, gritar ou ridicularizar e chamar nomes (na sua maioria estratégias punitivas) só contribuirá para a não cessação da birra e provocar ainda mais raiva e frustração na criança (Bhatia et al., 2003; Cordeiro, 2011; Ramalho, 2006; Urra, 2007).

## VI - Conclusões

Como a temática das birras continua a ser um assunto de extrema importância e preocupação para os pais, o presente estudo teve como objetivo saber um pouco mais da génese das birras e qual as ligações que existem entre a forma como as crianças se manifestam e a forma como os pais reagem. Posto isto, os objetivos foram definidos: Qual a frequência com que as birras acontecem?; Quais as manifestações das crianças no decurso de uma birra?; Quais as estratégias utilizadas pelos pais face a uma birra?; Quais os motivos pelos quais as crianças fazem mais birras?. Analisou-se o impacto de algumas variáveis como: o sexo da criança; a idade da criança; e o tipo de família e correlacionou-se as manifestações das crianças no decurso de uma birra e as estratégias utilizadas pelos pais face a estas.

Através dos resultados obtidos constatou-se que as birras continuam a ocorrer com muita frequência. As manifestações de angústia (como o chorar, choramingar, gritar) são as mais frequentes. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as manifestações de isolamento e o género da criança e nas manifestações de angústia, entre os 3 e os 5 anos. No que diz respeito às estratégias, as mais frequentes foram as não punitivas, havendo diferenças estatisticamente significativas entre estas e o género da criança; e próximas da significância nas estratégias de cedência. Nos motivos pelos quais as crianças fazem birras, estes foram maioritariamente de coação ou fuga (para conseguir o que quer ou para evitar ou fugir algo que não quer fazer). Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os motivos por rotinas e o género da criança e entre os motivos emocionais e a idade da criança. Por ultimo, na correlação entre as manifestações das birras e as estratégias dos pais, houve correlações significativas entre as manifestações de raiva e as estratégias punitivas e muito perto da significância (e negativa) entre as manifestações de isolamento e as estratégias de cedência. No entanto, ambas são fracas/baixas.

Algumas limitações podem ser atribuídas a este estudo, a primeira prende-se com o facto de a amostra total não ser muito grande, e como houve a necessidade de a dividir por faixas etárias, por género e tipo de família, ainda mais reduzidas se tornaram as amostras. Num futuro estudo sobre esta temática será importante aumentar a amostra. Outra limitação tem a ver com o facto de se ter usado um questionário para a obtenção das respostas, uma vez que não é garantido que a informação dada seja totalmente verdade, ou se é apenas o que será politicamente correto. Ainda no que diz respeito a esta limitação, o facto de a única fonte de informação terem sido os pais também pode influenciar os resultados, em estudos posteriores, a hipótese de obter mais dados através de outras fontes de informação, deve ser tida em atenção.

Pretende-se que o presente estudo possa ser útil e uma importante contribuição para investigações futuras, no âmbito da relação entre as birras no pré-escolar e os problemas de comportamento na adolescência. Será importante um estudo contínuo nesta temática de forma a que os pais aprendam a lidar melhor com as birras, de modo a evitar uma rutura na relação destes com as crianças.

## Bibliografia

- Amado, J. S. (2000). A técnica da análise de conteúdo. *Referência*, 5, 53-63.
- American Psychological Association (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association* (6th Ed.). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bath, H. (1994). Temper tantrums in group care. *Child and Youth Care Forum*, 23(1), 5-27.
- Belden, A., Thomson, N., & Luby, J. (2008). Temper tantrums in healthy versus depressed and disruptive preschoolers: defining tantrum behaviors associated with clinical problems. *The Journal of Pediatrics*, 152, 117-122.
- Bhatia, M. S., Dhar, N. K., Singhal, P. K., Nigam, V. R., Malik, S. C., & Mullick, D. N. (1990). Temper tantrums: Prevalence and etiology in a non-referral outpatient setting. *Clinical Pediatrics*, 29, 311-315.
- Caníço, H., Bairrada, P., Rodrigues, E., Carvalho, A. (2010). *Novos tipos de família*. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra.
- Carr, E., & Newson, C. (1985). Demand-related tantrums: conceptualization and treatment. *Behavior Modification*, 9, 403-426.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral*. Hill Scale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cordeiro, M. (2011). *O grande livro dos medos e das birras* (1ª Edição). Lisboa: Esfera dos Livros.
- Daniels, E., & Luthy, K. E. (2012). Assessment, management, and prevention of childhood temper tantrums. *Journal of the American Academy of Nurse Practitioners*, 24, 569-573.
- Field, A. (2009). *Descobrimos a estatística usando o SPSS* (2ª Edição). Porto Alegre: Artmed.
- Giesbrecht, G. F., Miller, M. R., & Muller, U. (2010). The anger-distress model of temper tantrums: Associations with emotional reactivity and emotional competence. *Infant and Child Development*, 19, 478-497.
- Goode, E. D., Caron, B. (2007). Temper tantrums – Dealing with your Toddler's Tantrums. *Pediatrics for Parents*, 23(8), 22-23.

Gouveia, R. (2009). As birras na criança. *Revista Portuguesa Clínica Geral*, 25, 702-705.

Green, J. A., Whitney, P. G., & Potegal, M. (2011). Screaming, yelling, whining and crying: categorical and intensity differences in vocal expressions of anger and sadness in children's tantrums. *Emotion*, 11, 1124-1133.

Hill, M. M., & Hill, A. (2005). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

Koch, E. (2003). Reflections on a study of temper tantrums in older children. *Psychoanalytic Psychology*, 20(3), 456-471.

Marôco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (6ª Edição). Pêro Pinheiro: Report Number.

Mireault, G., Rooney, S., Kouwenhoven, K., & Hannan, C. (2008). Oppositional behavior and anxiety in boys and girls: a cross-sectional study in two community samples. *Child Psychiatry and Human Development*, 39, 519-527.

Mireault, G., & Trahan, J. (2007). Tantrums and anxiety in early childhood: a pilot study. *Early Childhood, Research and Practice*, 9(2), 1-9.

Moreira, J. M. (2004). *Questionários: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.

Nicol, A. A. M., & Pexman, P. M. (1999). *Presenting your findings. A practical guide for creating tables*. Washington: American Psychological Association.

Osterman, K., & Bjorkqvist, K. (2010). A cross-sectional study of onset, cessation, frequency, and duration of children's temper tantrums in a nonclinical sample. *Psychological Reports*, 106, 448-454.

Potegal, M., Carlson, G., Margulies, D., Gutkovitch, Z., & Wall, M. (2009). Rages or temper tantrums? - The behavioral organization, temporal characteristics, and clinical significance of angry-agitated outbursts in child psychiatry inpatients. *Child Psychiatry and Human Development*, 40, 621-636.

Potegal, M., & Davidson, R. (2003). Temper tantrums in young children: 1. Behavioral composition. *Developmental and Behavioral Pediatrics*, 24(3), 140-147.

Potegal, M., Kosorok, M., & Davidson, R. (2003). Temper tantrums in young children: 2. Tantrum duration and temporal organization.

*Developmental and Behavioral Pediatrics*, 24(3), 148-154.

Queirós, O., Goldschmidt, T., Almeida, S., & Gonçalves, M. (2003). O outro lado das birras. *Análise Psicológica*, L(XX), 95-102.

Ramalho, V. (2006). *Lá em casa mandam eles?* (3ª Edição). Braga: Psiquilíbrios Edições.

Silva, A. & Fossá, M. I. (2013). Análise de conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. Brasília: IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade.

Simões, M. R.(1994). *Investigação no âmbito da aferição nacional do teste das matrizes progressivas coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Dissertação da tese de doutoramento de psicologia. Universidade de Coimbra.

Solter, A. (1992). Understanding tears and tantrums. *Young Children*, 47(4), 64-68.

Stein, M., Clemons, R., & Newport, J. (2001). Temper tantrums impulsivity, and aggression in a preschool-aged boy. *Pediatrics*, 17(4), 832-837.

Urra, J. (2009). *O pequeno ditador: da criança mimada ao adolescente agressivo* (14ª Edição). Lisboa: A Esfera dos Livros.

Wakschlag, L. S., Briggs-Gowan, M. J., Carter, A. S., Hill, C., Danis, B., Keenan, K., McCarthy, K., & Leventhal, B. L. (2007). A developmental framework for distinguishing disruptive behavior from normative misbehavior in preschool children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48(10), 976-987.

Wakschlag, L. S., Choi, S. W., Carter, A. S., Hullsick, H., Burns, J., McCarthy, K., Leibenluft, E., & Briggs-Gowan, M. J., (2012). Defining the developmental parameters of temper loss in early childhood implications for developmental psychopathology. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 53(11), 1099-1108.

Wilcox, R. R. (2003). *Applying contemporary statistical procedures*. San Diego: Academic Press.